Na Selva das Cidades

A luta de dois homens na megalópole de Chicago

Bertolt Brecht

Im Dickicht der Städte

Der Kampf zweier Männer in der Riesenstadt Chicago

Escrito em: 1921-1923

Estréia: 9.5.1923 em Munique

Tradução:

Fernando Peixoto

Elizabeth Kander

Renato Borghi

Wolfgang Bader

Os senhores estão em Chicago, no ano de 1912. Vão ver a inexplicável luta entre dois homens e assistir à decadência de uma família que veio do campo para a selva da grande cidade. Não quebrem a cabeça para descobrir os motivos desta luta, mas procurem participar das jogadas humanas. Julguem com imparcialidade os métodos de luta dos adversários e dirijam o seu interesse para o "round" final.

PERSONAGENS:

SHLINK, o negociante de madeira, um malaio
GEORGE GARGA
JOHN GARGA, seu pai
MAË GARGA, sua mãe
MARIE GARGA, sua irmã
JANE LARRY, sua amiga
SKINNY, um chinês, escrevente de Shlink
COLLIE COUCH, chamado O GORILÃO, um rufião
J. FINNAY, chamado O VERME, dono de um hotel
PAT MANKY, um timoneiro
UM JOVEM DO EXÉRCITO DA SALVAÇÃO
O NARIGUDO
O DONO DE UM BAR
C. MAYNES, dono de uma biblioteca de empréstimo
GARÇOM
OPERÁRIOS DA ESTRADA DE FERRO

1

BIBLIOTECA DE EMPRÉSTIMO DE C. MAYNES EM CHICAGO

Manhã do dia 8 de agosto de 1912.

Garga está atrás do balcão. Entram Shlink e Skinny após um toque de campainha.

SKINNY — Se é verdade o que nós lemos lá fora, isso aqui é uma biblioteca de empréstimo. Logo, nós queremos um livro emprestado.

GARGA — Que tipo de livro?

SKINNY — Um bem grosso. GARGA — É para o senhor?

SKINNY *que antes de cada resposta olha para Shlink* — Não, para mim não, é aqui para o cavalheiro.

GARGA — Seu nome, por favor?

SKINNY — Shlink, negociante de madeira, Rua Mulberry, n? 6.

GARGA *anota o nome* — São cinco centavos semanais por volume, cavalheiro. O senhor pode escolher.

SKINNY — Não. É o senhor quem vai escolher.

GARGA — Esse aqui é um romance policial. Não é lá muito bom, não. Aqui já tem um que é bem melhor. É um livro de viagens.

SKINNY — E o senhor diz simplesmente assim: é um livro ruim?

SHLINK *aproxima-se* — É uma opinião sua? Eu queria comprar do senhor essa opinião. Dez dólares, paga isso?

GARGA — A minha opinião eu dou de presente para o senhor.

SHLINK — Quer dizer então que o senhor muda de opinião, o livro pode ser bom?

GARGA — Isso, não.

SKINNY — Mas com esse dinheiro aqui, o senhor vai poder comprar roupa limpa.

GARGA — Minha função aqui é apenas embrulhar livros, cavalheiro.

SKINNY — Assim você espanta os clientes.

GARGA — Mas o que é que os senhores querem de mim? Eu não conheço os senhores, nunca os vi antes.

SHLINK — Ofereço 40 dólares pela sua opinião sobre este livro. Que aliás eu nem conheço, nem me interessa conhecer.

GARGA — Eu posso vender pró senhor a opinião de J. V. Jensen ou de Arthur Rimbaud, mas a minha opinião não está a venda, cavalheiro.

SHLINK — A sua opinião também não me interessa. Só que eu estou disposto a comprá-la.

GARGA — A minha opinião é o único luxo que eu tenho.

SKINNY — O senhor pertence a uma família de milionários transatlânticos?

GARGA — Minha família se alimenta de peixe podre.

SHLINK *alegre* — Ah! Um homem que gosta de lutar. Então seria de esperar, da sua boca, palavras que me deixassem satisfeito e livrassem a sua família do peixe.

SKINNY — 40 dólares! Isso significa um monte de roupa limpa para você e para sua família.

GARGA — Eu não sou nenhuma prostituta.

SHLINK *com humor* — Eu espero não interferir na sua vida íntima, oferecendo 50 dólares.

GARGA — O aumento da oferta também aumenta o insulto e o senhor sabe disso.

SHLINK *com ingenuidade* — É preciso saber o que é mais importante: um quilo de peixe ou uma opinião. Ou ainda: dois quilos de peixe ou uma opinião.

SKINNY — Meu prezado senhor, não vá longe demais!

GARGA — Vou mandar botar os senhores pra fora daqui.

SKINNY — Você não compreende nada da vida. É por isso que se mete a ter opiniões pessoais.

SHLINK — Miss Jane Larry disse que o senhor queria ir para o Tahiti!

GARGA — Eu gostaria de saber de onde os senhores conhecem Jane Larry.

SHLINK — Desde que deixaram de pagar as camisas que ela costura, ela anda por aí, comendo brisa. Já faz três semanas que o senhor não aparece em casa dela.

Garga deixa cair uma pilha de livros.

SKINNY — Preste atenção! O senhor aqui é um empregado.

GARGA — Não posso fazer nada contra o seu desaforo.

SHLINK — É que o senhor é pobre.

GARGA — Me alimento de arroz e peixe, já se sabe.

SHLINK — Então venda!

SKINNY — O senhor é rei do petróleo?

SHLINK — A rua inteira sente pena do senhor.

GARGA — Não posso eliminar a rua inteira.

SHLINK — A sua família, que veio do campo...

GARGA — Dorme em três numa cama só, ao lado de um esgoto arrebentado. Eu para conseguir dormir de noite, eu fumo. As janelas trancadas, porque Chicago é uma cidade fria. Se os senhores ficam satisfeitos com isso.

SHLINK — E sua namorada, naturalmente...

GARGA — Faz camisas a dois dólares cada. Doze centavos de lucro líquido. Eu a recomendo aos senhores. Domingo, nós passamos juntos. A garrafa de whisky custa oitenta centavos, nem mais nem menos que oitenta centavos, se isso distrai os senhores.

SHLINK — O senhor está pensando uma coisa e dizendo outra.

GARGA — Não.

SHLINK — Porque ninguém pode viver com doze centavos de lucro.

GARGA — Cada um escolhe a conversa que gosta. Alguns gostam do Tahiti, se os senhores não se opõem.

SHLINK — O senhor está bem informado. Isso é a vida simples. No Cabo Hay, ainda existem tempestades, mais ao sul estão as Ilhas de Tabaco, verdes campos sussurram ao vento. A gente vive como um lagarto.

GARGA — Quarenta graus à sombra. O ruído da ponte de Milwaukee, o trânsito. Uma manhã, como as outras.

SHLINK — Não como as outras, porque nesta manhã, eu começo a minha luta contra o senhor. Eu vou começar abalando a sua posição social. *Ouve-se tocar a campainha. Entra Maynes.* O seu balconista entrou em greve.

MAYNES — Por que é que você não atende aos cavalheiros, George?

SKINNY *em tom cortante* — Ele não está se comportando muito bem conosco, não.

MAYNES — Como assim?

SKINNY — A roupa dele, cheia de gordura, não nos agrada.

MAYNES — Mas em que estado você se apresenta aqui, Garga? Pensa que isso aqui é o quê? Um botequim? Eu vou tomar providências para que isto não se repita mais, cavalheiros.

SKINNY — O que é que ele está dizendo? Está resmungando de novo. Ei, por que você não usa a voz que Deus lhe deu?

GARGA — Senhor Maynes, eu queria que o senhor me desse uma camisa nova. Com cinco dólares por semana eu não posso me prostituir.

SHLINK — Vai pró Tahiti, lá ninguém toma banho.

GARGA — Muito obrigado pelo conselho, cavalheiro. A sua atenção me comove bastante. Vou pedir à minha irmã pra acender uma vela pró senhor na igreja.

SHLINK — Ah. Faça isso sim, por favor. Aliás, ela está desempregada, não é mesmo? Manky, o homem que convém à sua irmã, vive gastando a sola dos sapatos; sua irmã nem se comove quando os pais morrem de fome.

GARGA — O senhor por acaso tem um escritório de detetives? O seu interesse por nós é muito lisongeiro.

SHLINK — O senhor está fechando os olhos de propósito. Quanto à sua família, a catástrofe é inevitável. O senhor é o único que ganha algum dinheiro. E assim mesmo se dá ao luxo de ter opiniões pessoais. Bem que podia ir para o Tahiti. Mostra um mapa marítimo que trouxe consigo.

GARGA — Nunca vi o senhor em toda a minha vida.

SHLINK — Existem duas linhas de navegação.

GARGA — O senhor acaba de comprar esse mapa, não é? Está novo.

SKINNY — Imagine, o Oceano Pacífico!

GARGA *a Maynes* — Por favor, mande esses cavalheiros embora. Eles não compram nada. Espantam os clientes. Andaram me espionando. Não sei quem são.

Entra J. Finnay, o Verme, Shlink e Skinny afastam-se, sem sinal de reconhecimento.

VERME — É aqui mesmo a biblioteca do Sr. C. Maynes?

MAYNES — Sim, sou eu mesmo.

VERME — Mas que troço imundo. Como é escuro.

MAYNES — O senhor deseja livros, revistas, selos?

VERME — Então é isso aqui que o senhor chama de livro, é? Que negócio mais sujo? Serve para quê? O senhor não acha que já há mentira demais? "O céu estava escuro e as nuvens corriam para o leste." Por que não para o sul? Ah, o que essa gente tem que engolir.

MAYNES — Vou embrulhar esse livro para o senhor.

SKINNY — Por que não deixa ele respirar um pouco? Por acaso este cavalheiro tem cara de rato de biblioteca?

GARGA — Isso é uma conspiração!

VERME — Verdade. Ela diz: "Cada vez que tu me beijas, eu vejo os teus lindos dentes". Ver dentes, como? Se está beijando. Mas ela é assim. A posteridade vai ficar sabendo. Piranhuda! *Pisoteia os livros com o salto do sapato.*

MAYNES — Devagar, cavalheiro, o senhor vai ter que pagar os exemplares estragados.

VERME — Livros. Pra que serve isso. Por acaso as bibliotecas impediram o terremoto de São Francisco?

MAYNES — George, vá buscar o delegado.

VERME — Eu vendo cachaça, isto sim é uma profissão honesta.

GARGA — Ele não está bêbado.

VERME — Meu corpo treme inteiro quando eu topo pela frente com os vagabundos desta laia.

GARGA — Isto é um golpe organizado. É a mim que eles visam.

Entra Couch, chamado Gorílão, acompanhado de Jane Larry. O Verme se afasta sem dar sinal de que o conhece.

GORILÃO — Entra, minha franguinha branca. Isto aqui é a biblioteca de C. Maynes.

GARGA — Fecha a loja, patrão. Bichos estranhos estão avançando em seus livros. As traças vão comer as suas revistas.

VERME — Eu sempre digo: É preciso olhar a vida no branco do olho.

GORILÃO — Tira a cara daí. Toda esta papelada me faz mal ao estômago, e eu não posso ver nem jornal perto de mim.

GARGA *para o patrão* — Pegue o revólver.

SHLINK *avançando* — Por favor, venda.

GARGA *percebendo Jane* — Não.

JANE — É aqui a tua loja, George? Não me olhe assim desse jeito. Esse cavalheiro me trouxe para dar uma voltinha, só isso.

GARGA — Continua a dar a tua voltinha.

GORILÃO — Ah, mas que grossura! O senhor está pondo em dúvida aquilo que a senhorita está dizendo? Eu estou tão fora de mim que vou rasgar outro livro. O senhor ainda tem alguma dúvida?

MAYNES — Se você continuar a duvidar, eu te ponho na rua. Todos os meus livros foram para o inferno.

GARGA — Vá para casa, Jane. Por favor. Você está bêbada.

JANE — Não sei o que você tem, George. Os cavalheiros são tão gentis comigo. *Bebe de uma garrafa que Gorilão lhe dá.* Eles me pagaram uns drinques. Está quente hoje. Quarenta graus! George, isso desce pelo corpo como uma bola de fogo.

GARGA — Vai para casa, eu vou te ver hoje à noite.

JANE — Já faz três semanas que você não vem me ver. Eu não vou voltar mais pra casa. Estou até aqui de ficar rodeada de camisas.

GORILÃO *sentando ela nos joelhos* — Não vai precisar mais.

JANE — Ai, você está me fazendo cócegas. Pára! George não gosta disto.

GORILÃO — Em poucas palavras, esta guria tem o corpo que vale alguns dólares. O senhor está em condições de pagar? É uma questão de amor e também de bebida.

VERME — O senhor está querendo que a mocinha fique casta para o senhor, que lave escadas, que vire lavadeira?

SKINNY — O senhor quer fazer esta galinha branca virar um anjo?

GARGA — O que é que o senhor quer? Brincar de faroeste? Faca? Revólver? Bebida?

VERME — Espera aí, você não vai sair daqui assim não. É possível que alguém seja jogado para fora do barco. Vende.

GARGA — Estranho. Todo mundo aqui parece que está por dentro disto, menos eu, Jane.

GORILÃO — Responde, diz pra ele.

JANE — Não me olhe assim, George, isso talvez seja a oportunidade da minha vida. Você pode pagar minha bebida? É claro que

não è por causa da bebida. É o seguinte: todo dia de manhã eu me olho no espelho. Já fez dois anos. Você trabalha quatro semanas. E só quando você está cheio e tem necessidade de beber, só aí você se lembra de mim. Eu não agüento mais isto. E as noites, George. Não sou má, não. É injusto que você me olhe assim.

GORILÃO — Falou bem! Toma, bebe um gole, você vai ficar mais inteligente ainda.

GARGA — O whisky te destruiu o cérebro. Você ainda me entende? Eu estou te dizendo: vamos embora daqui. Nós dois, juntos. Para São Francisco. Para onde você quiser. Eu não sei se um homem pode amar sempre. Mas escuta, eu prometo que fico do teu lado.

JANE — Isso você não pode, pequeno George.

GARGA — Eu posso tudo. Também posso ganhar dinheiro, se é isso que você quer. Eu sinto alguma coisa por você. Não tenho palavras para dizer. Mas nós dois vamos nos dar bem de novo. Hoje à noite eu vou lá, vou te ver essa noite.

JANE — Eu ouço muito bem tudo que você diz. Não precisa gritar tanto. Nem precisa dizer a estes senhores que você nunca me amou. Mas isso que você está me dizendo é a coisa mais amarga que você sabe dizer. E, naturalmente, eu tenho que escutar. Eu sei disso e você sabe também.

VERME — Palhaçada tudo isso! Conta pra ele simplesmente que hoje de manhã você ficou na cama de nove às dez e trinta com este digno cavalheiro.

JANE — Pode ser que isso não seja bom. Mas é bom que você fique sabendo que não foi nem pelo calor nem pelo whisky.

SHLINK — Vende! Eu dobro o preço outra vez, pra acabar logo de uma vez com isso.

GARGA — Isso não conta. O que é das nove às dez e trinta comparado a dois anos?

SHLINK — Eu posso garantir ao senhor que pra mim duzentos dólares é uma miséria. Quase nem tenho coragem de oferecer isso ao senhor.

GARGA — O senhor quer ter a fineza de mandar embora os seus amigos.

SHLINK — Pois não. Eu só lhe peço que o senhor observe bem como andam as coisas em nosso planeta e venda.

MAYNES — Mas você é um idiota! Um capado! Um passivo! Um doméstico! Pensa...

SKINNY — Nos seus inocentes pais amargurados pelo desgosto...

VERME — Na sua irmã...

GORILÃO — Na sua amante! A belezoca aqui presente.

GARGA — Não! Não! Não!

SHLINK — Pense no Tahiti!

GARGA — Eu recuso.

MAYNES — O senhor está despedido.

SHLINK — Pense na sua situação econômica. Leve em conta a sua posição social, ela está desmoronando.

GARGA — Isto é a liberdade! Olha, pega o meu paletó! Tira o paletó. Podem dividir. Ele *pega um livro na prateleira*, "Superstição! Mentira! Safadeza!" "Eu sou animal, um negro, mas talvez eu possa ser salvo! Vocês são negros falsos, vocês, loucos, selvagens, avarentos! Negociante, você é um negro. General, você é um negro. Imperador, velha lepra, você é um negro. Bebeu licor de contrabando da fábrica de Satanás. Este povo está entusiasmado de febre e câncer!" Bebe. "Sou pouco versado na metafísica." "Não compreendo as leis, não tenho moral, sou um bruto. Vocês estão enganados!"

Shlink, Skinny, Verme e Gorilão cercam Garga e o aplaudem como num espetáculo teatral.

SHLINK *fumando* — Como o senhor está excitado. Ninguém vai lhe fazer mal.

JANE *que se atirou no pescoço de Garga.* — É tão grave assim, George?

GARGA — Olha aqui as minhas botas. Está fumando seu charutinho preto, senhor? A baba pode pingar dos cantos da sua boca. Aqui está o meu lenço. Essa mulher, eu ponho em leilão. Essa papelada, eu jogo na cara de vocês. Eu quero as plantações de tabaco da Virgínia. E uma passagem para as ilhas. Eu quero a minha liberdade. Quero mesmo.

Sai correndo descalço e em manga de camisa.

SHLINK *gritando atrás dele* — Meu nome é Shlink! Shlink, negociante de madeiras, Rua Mulberry, nº 6.

SKINNY — Esse aí, entrou no trilho! Quanto por toda essa papelada?

VERME — Vocês estão querendo pagar de verdade?

MAYNES — Dez dólares paga tudo.

SKINNY — Aqui tem vinte.

GORILÃO *a Jane que chora* — Ah, agora a menina está acordando! Vai chorar lá na sarjeta.

VERME — É preciso olhar a vida no branco do olho.

SHLINK — Quanto custa esta roupa?

MAYNES — A roupa? O paletó, a gravata, as botas? Na verdade eles não estão à venda. Dez dólares.

SKINNY — Finalmente ele saiu da casca. Vamos levar ele embora daqui.

Shlink sai lentamente pelo fundo. Skinny o segue levando as roupas de George.

2

ESCRITÓRIO DO NEGOCIANTE DE MADEIRA C. SHLINK, EM CHICAGO

Tarde do dia 22 de agosto, antes das 7 horas.

Shlink sentado numa pequena mesa.

VOZ DE SKINNY *do fundo, à esquerda* — Sete vagões de Kentucky.

VERME *dos fundos* — Já chegaram.

SKINNY — Dois carregamentos estragados.

VERME — Aqui tem um homem que quer falar com o senhor Shlink.

SHLINK — Mande entrar.

VERME — Esse é o senhor Shlink!

GARGA *entra.*

SHLINK *alegrando-se* — Finalmente o senhor veio. Aqui estão as suas roupas. Pode vestir outra vez.

GARGA — Então o senhor estava me esperando, é? E trouxe as minhas roupas pra cá? Trapos sujos! *Dá um pontapé no embrulho de roupas.*

Shlink bate um gongo. Entra Marie.

MARIE — George!

GARGA — Você aqui, Marie?

MARIE — Onde é que você andava, George? Eles estavam muito preocupados com vote. E que aspecto você tem!

GARGA — O que é que você está fazendo aqui?

MARIE — Eu tomo conta da roupa. Dá quase pra manter a família. Por que você está me olhando desse jeito? Parece que você não tem andado bem. Eu estou me dando bem. Gosto daqui. Me disseram que você foi despedido.

GARGA — Marie, pegue já as suas coisas e vamos embora daqui. *Caminha pela sala.* Eu não sei o que eles querem de mim. Me cravaram um arpão. E agora estão me puxando. Parece que tem cordas. *À Shlink*: Eu não vou tirar o corpo fora, senhor Shlink, mas deixe a minha irmã fora do jogo.

SHLINK — Como quiser. *À Mari*e: Mas antes vá buscar roupa limpa e um terno pra ele, se isso não for incômodo.

MARIE — Meu irmão, não entendo porque, diz que eu tenho que me afastar do senhor.

SHLINK — E eu digo que você deve ir pra casa, mas depois de fazer o que eu estou pedindo. *À George*: Este negócio de roupa não é a minha especialidade. *Marie sai.* O senhor andou bebendo alguma coisa.

GARGA — Eu peço que o senhor me advirta se o que eu faço não corresponde às suas intenções.

SHLINK — Eu só tenho saque, mas eu posso mandar buscar o que o senhor preferir. Quer alguma coisa pura ou misturada?

GARGA — Eu tenho o costume de resolver tudo ao mesmo tempo. Às vezes passo semanas inteiras bebendo, amando e fumando, tudo ao mesmo tempo.

SHLINK — E ainda folheando a Enciclopédia...

GARGA — ...O senhor sabe a verdade sobre tudo.

SHLINK — Quando me contaram seus hábitos, eu pensei pra mim mesmo: aí está um homem que gosta de lutar.

GARGA — A roupa está demorando

SHLINK — Desculpe! *Levanta-se e faz soar o gongo. Entra Marie.*

MARIE — Aqui está a roupa, George, e o terno.

GARGA — Espera aí. Nós vamos sair juntos. *Troca de roupa atrás do biombo.*

MARIE — Eu tenho que me despedir, Sr. Shlink. Eu não cheguei a terminar toda a roupa. Muito agradecida pêlos dias que passei aqui.

GARGA *do biombo* — Este terno não tem bolso.

Shlink assobia

GARGA *entra* — Para quem é que o senhor está assobiando? Eu quero que nas últimas semanas que lhe restam o senhor pare de assobiar pra chamar os outros.

SHLINK — Às suas ordens.

GARGA — O senhor quis instaurar um faroeste. Está bem, eu aceito. O senhor arrancou a pele das minhas costas para se divertir. E me deu uma nova. Mas isso não conserta nada. Eu vou acabar com o senhor. *Um revólver na mão*. Olho por olho, dente por dente.

SHLINK — Então o senhor aceita a luta?

GARGA — Sim! Claro, sem compromisso.

SHLINK — E sem querer descobrir os meus motivos?

GARGA — Sem querer saber o motivo. Eu não quero saber porque é que o senhor precisa de uma guerra. O motivo com certeza deve ser podre. Pra mim basta, que de nós dois, o senhor se considere o melhor.

SHLINK — Está bem. Então, vamos refletir um pouco mais sobre o assunto. Minha casa e os meus negócios de madeira, por exemplo, me colocam em condições de massacrar o senhor. O dinheiro é tudo. Bom. Mas de agora em diante a minha casa é sua; os meus negócios lhe pertencem. A partir de hoje, senhor Garga, deposito o meu destino nas suas mãos. Eu nem mesmo conheço o senhor. A partir de hoje, eu sou uma criatura sua, cada olhar seu me deixará perturbado. Estou disposto a satisfazer cada um de seus desejos, mesmo aqueles cujas razões eu desconheço. Suas preocupações são minhas preocupações; minha força será a sua força. Os meus sentimentos serão dedicados somente ao senhor, e o senhor não será nada amável comigo.

GARGA — Aceito o seu compromisso. E espero que o senhor não venha a ter nenhum motivo para se divertir.

Gorilão, Skinny e o Verme entram silenciosamente; Garga sorri com malícia ao perceber que os ternos deles são iguais ao seu.

SHLINK — Essa casa e esses negócios de madeira, cadastrados no Registro de Propriedades de Chicago sob o nome de Shlink, passam no dia de hoje para o senhor Garga de Chicago.

GARGA *para Shlink* — Sou eu. Muito bem. Quantas toras de madeira nós temos no estoque?

SHLINK — Perto de 400. Eu não sei exato.

SKINNY — Pertencem a Broost & Cia. de Virgínia.

GARGA — Quem vendeu?

VERME — Eu, chamado Verme, proprietário do Hotel Chinês, quarteirão do entreposto de carvão.

GARGA — Venda essa madeira de novo.

VERME — Vender duas vezes? Isso é fraude.

GARGA — É.

VERME — Quem se responsabiliza por essa ordem?

GARGA — Faz a expedição de madeira para São Francisco com o nome da firma do senhor Shlink e entrega esse dinheiro a ele, que o vai guardar pra mim até eu pedir. O senhor tem alguma objeção, senhor Shlink?

Shlink sacode a cabeça, sinal negativo.

VERME — Isso é uma negociata descarada! Vai botar a justiça nas nossas costas!

GARGA — Quando?

SHLINK — Dentro de seis meses no máximo. *Traz o livro de contabilidade para Garga.*

GORILÃO — Estamos nos enfiando num pântano!

GARGA — As cegonhas vivem do pântano.

GORILÃO — Melhor trabalhar com navalha do que com papel falsificado. Alguém pode esquecer que Chicago é uma cidade fria?

GARGA — O senhor se referiu mesmo a todo seu negócio de madeira, senhor Shlink? A casa, a fábrica, a mercadoria, o inventário?

SHLINK — Sim. Aqui está o livro de contabilidade.

GARGA — Aí, você! Derrama tinta no livro.

SKINNY — Eu? *Shlink lhe passa o tinteiro.*

SKINNY *acima do livro* — Toda contabilidade! Todos os negócios!

GARGA — Joga tinta em cima. *Skinny derrama tinta com precaução.*

GORILÃO — Bom proveito.

VERME — Vinte anos, pra chegar a isso! É uma piada! Eu não entendo mais nada! Era uma vez uma firma de madeira!

GARGA — Agora, desliguem as serras mecânicas, e esse negócio de madeira acaba de uma vez.

GORILÃO — O senhor é quem manda, patrão! *Sai. Pára o barulho da serra; todos os homens vestem o paletó e ficam de pé, encostados contra a parede. Garga dá uma gargalhada.*

MARIE — O que você está fazendo, George?

GARGA — Cala a boca! Bota este cara na rua, sr. Shlink!

SHLINK — Você pode ir.

SKINNY — Ir embora? Em abril vai fazer vinte anos que eu trabalho na casa.

SHLINK — Você está despedido.

MARIE — Eu acho que isso que você está fazendo não está certo, George.

GARGA — Marie, eu te peço: vá pra casa!

MARIE — E eu te peço pra você ir comigo. Ficar aqui vai dar encrenca. Deixa ele em paz, sr. Shlink.

SHLINK — Aguardo suas ordens, George!

GARGA — Claro! Claro! Agora que o senhor não tem mais nada para fazer aqui, Shlink, eu te peço pra organizar uma partidinha de palito aí com seus antigos colaboradores. *Shlink e o pessoal sentam-se à mesa de pôquer.*

MARIE — Mas você volta pra casa comigo, George! Isto pode ser uma brincadeira, mas você não está entendendo.

GARGA — Nós crescemos no campo, Ma. Aqui estamos agora em leilão.

MARIE — Nós? O que eles querem de nós?

GARGA — Escuta: não é você que está na mira. Eles só queriam te enrolar nesse negócio. Eu venho para acertar contas com um sujeito que há duas semanas atrás me cuspiu um caroço de cereja no olho. Tenho um revólver no bolso da calça. E encontro gente fazendo reverência e recuando. Ele me oferece seu negócio de madeira. Não entendo nada, mas aceito. Estou sozinho no campo e nada posso fazer por você, Ma.

VERME *do fundo, para os dois* — Ele joga com um Deus de papel. Juro que está trapaceando.

GARGA *a Shlink* — Não entendo nada do que está acontecendo, senhor. Sou como um negro, cheguei com uma bandeira branca, mas agora desenrolo a bandeira para o ataque. Passe para mim os papéis que representam a sua fortuna, os seus bens pessoais, para eu encher os meus bolsos.

SHLINK — Eu só peço que não os despreze por sua insignificância.

Shlink e Garga vão saindo.

SKINNY — Ainda que fosse ruim aqui, que a gente pegasse chuva, ser despedido assim, desse jeito, isso não é justo.

VERME — Pare de resmungar! *Zombando*. Ele ainda pensa que estão falando do cupim no chão de madeira.

SKINNY — Eu a amo, senhora. A senhora tem um jeito de estender a mão...

VERME — Olha! Ele não tem mais cama e quer levar uma mulher pra cama.

SKINNY — Vem comigo! Eu vou trabalhar para a senhora. Vem comigo.

GORILÃO *avança também* — É de dar pena; tem mulher de todo o jeito: negra, dourada, amarela e branca como maçã descascada; mulher negra! Da bunda ao calcanhar! A medida certa; coxas redondas, meu Deus; e não umas pernas de galinha carijó como essa aí. Ah, garota papuã! Quarenta dólares cada papuã.

SHLINK *na porta grita para o fundo* — E isso é tudo.

VERME — Não. Você é um bárbaro! Um ingrato! A madame aqui é inocente. E será que ela fuma cachimbo? Ela pode não ter lá muita aparência, não. Mas quem pode dizer que ela não tem fogo? Quarenta dólares e tudo para a madame.

SKINNY — Tudo o que o seu coraçãozinho desejar.

GORILÃO — Sem pó de arroz, é claro. Nua e crua. Que curvas! Setenta dólares por ti, minha gata.

Barato de leilão; entra Shlink.

MARIE — Me proteja, sr. Shlink.

SHLINK — Estou pronto para lhe proteger.

MARIE — Me diz: devo ir com ele?

SHLINK — Aqui ninguém te ama. Ele sim. *Entra Garga.*

GARGA — Você está gostando do mercado? Tem um monte de madeira aqui e agora tem também uns quilos de carne que estão sendo postos em leilão. É essa arte de lutar, livre e divertida, é isso que se chama jiu-jitsu, não é?

SHLINK *vai ao seu encontro inquieto* — Será que você não está facilitando demais as coisas?

MARIE *a Garga* — Você devia ter me ajudado. Você tem que sair daqui comigo agora mesmo, George. Aconteceu uma coisa horrível. Quem sabe isso não termina, mesmo que eu vá embora agora. Acho que você está cego: você não percebe que vai perder?

No fundo ouve-se som de duas guitarras e de um tambor; coral de moças: "Jesus acode os pecadores".

GARGA — Estou vendo que você já está pronta para entregar os pontos. É o pântano que vai te engolir. Aqui tem uma coisa pra você! É o Exército da Salvação marchando ao teu encontro, Marie! *Levanta-se da mesinha; dirige-se para o fundo* — Eh! Olá! Exército da Salvação !

VERME *a Marie* — Secaram o rio. E de noite este lugar está infestado pêlos fantasmas dos ratos afogados. Vai, vai para casa dos teus pais.

GARGA — Faxina completa! Tira o whisky daqui. *Shlink obedece. Marie ajuda-o.* Vamos entrando, minha gente!

Shlink abre o portão de madeira; faz grande reverência; entra um jovem do Exército da Salvação seguido por duas moças que trazem guitarra e um velho pecador com um tambor.

JOVEM — O senhor nos chamou?

VERME — Aleluia! Exército da Salvação!

GARGA — Eu acho que tudo isso que o senhor faz é besteira. Mas se o senhor está precisando de uma casa, pode ficar com esta.

JOVEM — Deus o abençoe.

GARGA *a Shlink* — Pode ser. Essa casa e esses títulos você recebeu de herança?

SHLINK — Não.

GARGA — Você trabalhou durante quarenta anos?

SHLINK — Com unhas e dentes. Dormia só quatro horas por noite.

GARGA — Você era pobre quando desembarcou aqui?

SHLINK — Eu tinha sete anos. Depois não parei mais de trabalhar.

GARGA — Você não tem mais nada além disso aqui?

SHLINK — Nada.

GARGA *ao jovem* — Então eu lhe faço presente da propriedade deste homem para servir de abrigo aos órfãos e aos bêbados. Mas com uma condição: que você deixe que te cuspam nesta tua cara insuportável.

JOVEM — Eu sou um ministro de Deus.

GARGA — Então aceite o desafio.

JOVEM — Eu não devo.

GARGA — Tá caindo neve em cima dos órfãos. Os bêbados estão caindo, morrendo. E você resguardando o seu rosto.

JOVEM — Bem, estou pronto. Até hoje eu mantive o meu rosto limpo. Tenho vinte e um anos. E o senhor deve ter as suas razões. Procure me compreender. Peça à senhora que se vire.

MARIE — Se o senhor se prestar a isso eu vou desprezar o senhor.

JOVEM — Eu não espero outra coisa. Existem rostos mais dignos do que o meu; mas nenhum que seja bom demais para isso.

GARGA — Cuspa na cara dele, Shlink, se quiser.

MARIE — Isto não está certo, George. Não conte comigo.

GARGA — Dente por dente, se quiser.

Shlink avança friamente e cospe na cara do homem; o Verme dá uma risada e o pecador convertido rufa o tambor.

JOVEM *agita os punhos e chora* — Perdão.

GARGA *joga os títulos de propriedade nele* — Aqui está o contrato de doação. É para o Exército da Salvação. E isso aqui é para você. *Dá-lhe o revólver* — E agora, dê o fora, seu porco!

JOVEM — Eu lhe agradeço em nome da missão.

Inclina-se desajeitadamente e sai. O hino cessa rapidamente.

GARGA — Você estragou a minha brincadeira. A tua grosseria é incomparável. Eu vou guardar pra mim algum dinheiro vivo. Não vou ficar aqui, porque o negócio é o seguinte, Shlink de Okahama. Eu vou pró Tahiti.

MARIE — Isso é uma covardia, George. Quando o missionário saiu, você desviou os olhos, eu vi. Como você está desesperado!

GARGA — Eu vim aqui esfolado até os ossos. Tremo quando penso nas minhas divagações intelectuais destas duas últimas semanas. Cuspi muitas vezes na cara dele. Ele engole tudo. Eu o desprezo. Acabou.

MARIE — Que vergonha!

GARGA — Você me abandonou. Dente por dente.

MARIE — Então é contra mim que agora você quer continuar a luta? Você nunca teve limite. Deus vai te castigar. Não quero nada de você, a não ser o meu sossego.

GARGA — É pra você poder ganhar pão para os teus pais com o suor das tuas coxas. E vender até o cheiro de égua do teu corpo e dizer: Não, isso não sou eu, não. Te desejo muita felicidade na cama e uma longa vida sobre a terra. *Sai junto com os outros.*

MARIE — Não consigo compreender o senhor, sr. Shlink. Mas o senhor pode andar por quatro direções, enquanto os outros só vão numa, não é? Um homem tem muitas possibilidades, não é mesmo? Estou vendo: um homem tem muitas possibilidades.

Shlink dá de ombros, vira-se, vai ao fundo. Marie o segue.

3

SALA NA CASA DA FAMÍLIA GARGA

Noite do dia 22 de agosto, depois das 7 horas. Uma água-furtada suja.

No fundo, cortina encobrindo um balcão.

John Garga, Maë. Manky canta uma canção.

JOHN — Está acontecendo uma coisa aqui, sobre a qual não é fácil falar.

MANKY — Dizem que o seu filho George está metido num desses casos que não têm fim. Dizem que ele arranjou uma história aí com um sujeito de pele amarela. Que o amarelo fez alguma coisa com ele.

MAË — A gente não tem o direito de meter o nariz nestas coisas.

JOHN — Mas se é verdade que o teu filho foi despedido, o que é que a gente vai comer, mofo?

MAË — Desde pequeno nunca suportou a idéia de alguém por cima dele.

MANKY — Dizem que vocês não deviam ter entregado a sua filha a este amarelo.

MAË — É. Já foram duas semanas que Ma saiu de casa, ela também.

MANKY — É evidente que uma coisa está ligada com a outra.

MAË — Quando nossa filha saiu de casa, ela disse que tinham oferecido a ela um emprego num negócio de madeira. Ela ia ganhar vinte dólares por semana só pra tratar da roupa.

MANKY — Um amarelo com roupa lavada.

JOHN — Numa cidade como essa aqui, você não vê nem a casa da frente. Você nem sabe qual a conseqüência que pode ter ler um jornal e não o outro.

MANKY — Ou até comprar uma passagem.

JOHN — A gente que anda nestes bondes elétricos talvez fique com...

MANKY — Câncer no estômago.

JOHN — Nos Estados Unidos, nunca se sabe. O trigo tanto cresce no inverno como no verão.

MANKY — Sim, mas de repente ninguém te avisa e você fica sem almoço. Você anda na rua com seus filhos. Obedecendo à risca o quarto mandamento, e de repente você está segurando só a mão do teu filho ou da tua filha; e teu filho e tua filha já se foram há muito tempo. Se atolaram num lodaçal e você nem chegou a perceber.

JOHN — Olá, quem é? *Garga aparece na porta.*

GARGA — Batendo papo de novo, é?

JOHN — Até que enfim. Você trouxe dinheiro para estas duas semanas?

GARGA — Trouxe.

JOHN — A propósito: você ainda está no teu emprego? Ou não? Puxa, um terno novo. Você teve trabalho extra ou foi muito bem pago. Aqui está a tua mie, George. *À mãe*: Por que é que você fica aí parada, pregada no chão feito a mulher de Ló? Teu filho voltou. Nosso filho veio nos convidar para jantar no Metropolitan Bar. Está achando pálido, o teu filhinho querido? Um pouquinho bêbado, teu filhinho, hem? Manky, me leva pra fumar cachimbo lá fora, Manky.

Os dois saem.

MAË — Me diz a verdade, George. Você tem problema com alguém?

GARGA — Alguém esteve aqui?

MAË — Ninguém.

GARGA — Tenho que ir embora, mãe.

MAË — Pra onde?

GARGA — Qualquer lugar. Você está sempre assustada.

MAË — Não vai.

GARGA — Tenho que ir: escuta, mãe. Um homem ofende o outro. Isso não é nada agradável para o outro. Mas esse homem, em certas circunstâncias, paga um negócio inteiro de madeira, pra poder insultar o outro. Isso realmente ainda é mais desagradável. Num caso como esse o homem ofendido deveria sair da cidade, mas como isso ia ser uma solução agradável demais pra ele, talvez nem mesmo isso seja possível agora. Mas de qualquer jeito, o que ele precisava era ser livre.

MAË — E você, George. Você não é livre?

GARGA — Não. *Pausa.* — Nós não somos livres. Tudo começa com o café da manhã. Com a surra que você leva quando tem a desgraça de ser um pobre macaco. E as lágrimas da mãe salgam a sopa das crianças e o suor da mãe lava as camisas e você está garantido até chegar à idade do gelo e a raiz fica no coração. E quando você fica adulto e quer fazer alguma coisa, se jogar inteiro nisso, então você descobre que já estava pago, carimbado, selado, vendido a preço alto. E você não tem nem mais liberdade para morrer.

MAË — Me diz. O que que tá te deixando doente?

GARGA — Você não pode me ajudar em nada, mãe.

MAË — Posso, sim. Não abandona o teu pai. Sem você, como é que nós vamos viver aqui?

GARGA *dá-lhe dinheiro* — Eu fui despedido. Mas aqui tem dinheiro para meio ano.

MAË — Nós estamos preocupados porque não tivemos mais notícias da tua irmã. Mas ela não deve ter perdido o emprego.

GARGA — Isso eu não sei. Eu falei para ela não ficar com aquele amarelo.

MAË — Sei que não posso te dizer nada, como faria outra mãe.

GARGA — Ah. Toda essa gente. Toda essa gente boa. Toda essa massa de gente boa e valente que fica de pé nos tornos mecânicos das usinas pra ganhar o bom pão de cada dia, fabricando montes de mesas boas para os bons comedores de pão. Todos esses bons fazedores de mesas e comedores de pão com suas boas famílias, que são tantas que já viraram multidão, e não aparece ninguém para dar uma cuspida na sopa deles, e ninguém para mandar todos para o outro mundo com um bom

pontapé no rabo: e nenhum dilúvio universal cai por cima deles ao som de "Noites de Tempestade, Oceano Irado".

MAË — Ah, George.

GARGA — Não me diga "Ah! George", não suporto isso. Isso não quero mais ouvir agora. Não quero mais ouvir isso.

MAË — Você não quer mais. E eu? De que jeito eu vou viver? Olha como as paredes estão sujas. E o fogão não dura até o fim do inverno.

GARGA — Aí, mãe, é mais do que evidente. Não vai durar muito tempo. Nem o fogão nem a parede.

MAË — Ah, E é você que diz isso? Você está cego, George?

GARGA — Nem o pão na prateleira, nem o vestido do teu corpo, nem a sua filha, nada vai durar muito.

MAË — É. Grita, meu filho. Grita pra todo mundo ouvir. Que tudo isso não leva a nada, que tudo é sacrifício demais, e que a gente vai murchando, cada dia mais. Mas de que jeito eu vou viver? Eu ainda tenho tanto tempo para viver.

GARGA — Bem. Se tudo vai mal, me diz então de quem é a culpa?

MAË — Você sabe.

GARGA — É isso mesmo.

MAË — Mas como é que você pode dizer isso? Que é que você pensa que eu quis dizer? Eu não quero que você me olhe assim. Eu te dei à luz. Eu te alimentei com o meu leite. Depois eu te dei pão. Depois do pão bati em você, George, e você tem que me olhar com outros olhos. Um homem, um marido faz o que quer. Não reprovo nada nele. Ele já trabalhou para nós.

GARGA — Eu te peço, mãe. Vem embora comigo.

MAË — O que é que você disse?

GARGA — Eu estou pedindo pra você vir comigo para o Sul. Eu vou trabalhar lá, eu sei derrubar árvores. Vamos construir uma casa de madeira, e você vai cozinhar pra mim. Eu preciso. Eu preciso muito de você.

MAË — Pra quem você está dizendo isso? Pró vento? Mas, quando você voltar, você vai ver onde foi que nós vivemos nos últimos dias que nos restaram. Quando é que você vai?

GARGA — Agora.

MAË — Não diz nada pra ele. Vou juntar as tuas coisas e deixo o embrulho debaixo da escada.

GARGA — Obrigado, mãe.

MAË — Está bem. *Os dois saem.*

O Verme entra cautelosamente farejando a sala por todos os lados.

MANKY — Olá. Quem é que está aí? Entra John.

VERME — Sou eu, um cavalheiro. Sr. Garga. Sr. John Garga, presumo?

MANKY — O que é que o senhor está procurando?

VERME — Eu? Nada. Será que eu podia dizer duas palavrinhas ao senhor seu filho, isto é, se é que ele já acabou de tomar o seu banho.

JOHN — E sobre o quê?

VERME *abanando a cabeça tristemente* — Mas que falta de hospitalidade. Mas será que o senhor poderia me informar onde está repousando o seu honrado filho? Se é que isso não exige um grande esforço.

JOHN — Ele saiu. E você vá pro inferno. Isso aqui não é nenhuma agência de informações. *Entra Maë.*

VERME — Que pena. Pena mesmo. Estamos sentindo uma grande falta do senhor seu filho. Aliás, trata-se também da sua filha, caso o senhor esteja interessado.

MAË — Onde é que ela está?

VERME — Num hotel chinês, minha senhora. Num hotel chinês.

JOHN — O quê?

MAË — Santa Mãe de Deus.

MANKY — O que significa isso? O que é que ela está fazendo lá?

VERME — Nada. Comendo. O senhor Shlink mandou dizer pro senhor e ao seu filho para ir lá buscá-la. Ela está custando os olhos da cara. É preciso uma fortuna, a senhorita tem um apetite saudável demais. Ela não faz nada. Fica perseguindo a gente com propostas imorais, enfim, está desmoralizando o hotel, vai acabar chamando a atenção da polícia, senhor.

MAË — John!

VERME *grita* — Em poucas palavras: ela encheu o saco.

MAË — Jesus!

MANKY — Onde é que ela está? Eu vou buscar ela agora mesmo.

VERME — Ir buscar. É isso mesmo. O senhor por acaso tem faro de cão de caça? Ou por acaso tem o endereço do hotel? Tão mocinho. Não é assim tão fácil, não. Vocês é que deviam ter tomado conta da senhorita. O seu filho é que tem culpa de tudo. É ele que tem que tirar ela de lá. Ele é que tem que buscar essa cadela. Pessoalmente. Amanhã à noite vamos pôr a polícia para funcionar.

MAË — Pelo amor de Deus. Então diga onde ela está. Não sei onde é que anda o meu filho. Ele foi embora. Por favor. Tenha um pouco de piedade. Oh, Marie. Oh, John, pede pra ele. O que foi que aconteceu com Marie? O que é que está acontecendo comigo? George! Mas que cidade é essa, John? E que gente é essa? Ela sai.

Shlink aparece na entrada.

VERME *balbuciando* — E, eu... a casa tem duas entradas... escondidas... *Sai às escondidas.*

SHLINK *humildemente* — Meu nome é Shlink. Fui negociante de madeiras. Agora eu ando por aí, olhando as moscas voar e ninguém depende de mim. Será que eu posso arranjar um canto pra dormir aqui? A pensão, eu pago. Eu li, lá embaixo, na placa da porta, o nome de um homem que eu conheço.

MANKY — Seu nome é Shlink? O senhor é que está segurando a filha deles?

SHLINK — De quem se trata?

GARGA — Minha filha, senhor. Marie Garga, minha filha.

SHLINK — Eu não conheço sua filha.

JOHN — Mas o homem que saiu daqui agora mesmo...

MANKY — É claro que foi o senhor que mandou!

JOHN — Ele se evaporou daqui no exato momento em que o senhor entrou.

SHLINK — Eu não conheço esse homem.

JOHN — Mas o meu filho e o senhor...

SHLINK — O senhor está caçoando de um pobre homem. Claro que qualquer um pode me insultar sem o menor risco. Eu joguei e perdi a minha fortuna. Muitas vezes a gente nem sabe como isso acontece...

MANKY — Pois eu, eu conheço a profundidade da água quando entro com meu barquinho no porto.

JOHN — Confie, mas olhe em quem.

SHLINK — Por não ter sabido me prevenir, eu estou agora sozinho e numa idade em que preciso encontrar um teto pra neve não cair na minha cabeça. E os encontro abandonados por aqueles que deviam sustentá-los. Eu não sou um homem sem coração. E pelo menos o meu trabalho poderia ter algum sentido.

JOHN — Boas razões não enchem a barriga. Nós não somos mendigos. Não se pode continuar a comer cabeça de arenque. Entretanto a sua solidão não vai encontrar aqui corações de pedra. O senhor deseja apoiar seus cotovelos na mesa de uma verdadeira família. Só que nós somos gente pobre.

SHLINK — Eu gosto de tudo o que se come. O meu estômago digere pedras.

JOHN — O quarto é pequeno. Nós já estamos apertados como sardinhas.

SHLINK — Eu durmo no chão. E, pra mim, um espaço com a metade do meu tamanho chega. Fico feliz como uma criança, se tenho onde abrigar os meus ombros contra o vento. Eu pagarei metade do aluguel.

JOHN — Eu compreendo. O senhor não quer esperar lá fora. No vento. Entre e abrigue-se debaixo do nosso teto.

MAË *entra* — Eu preciso ir até a cidade antes do anoitecer.

JOHN — Você nunca está aqui quando preciso de você. Eu alojei este homem. Ele está só. O teu filho foi embora, tem um lugar livre. Aperta a mão dele.

MAË — Nós viemos do campo.

SHLINK — Eu sei.

JOHN — O que é que você está procurando aí no canto?

MAË — Eu estou fazendo a minha cama debaixo da escada.

JOHN — Onde é que estão as suas coisas?

SHLINK — Eu não tenho nada. Eu durmo na escada, madame. Eu não quero me intrometer. A minha mão não vai tocar a sua. Eu sei que tenho a pele amarela.

MAË *friamente* — Eu lhe dou a minha.

SHLINK — Eu não mereço. Eu falei a sério. A senhora não se referia à pele, desculpe.

MAË — À noite eu abro a janela que está em cima da escada. *Sai*.

JOHN — Ela é boa.

SHLINK — Que Deus a abençoe. Eu sou um homem simples. Não me peça grandes frases. Na minha boca eu só tenho dentes.

4
UM HOTEL CHINÊS

Manhã do dia 24 de agosto. Skinny, Gorilão, Jane.

SKINNY *na porta* — Então você não tem a intenção de abrir um negócio novo?

GORILÃO *numa rede, abana a cabeça* — O patrão passa todo o tempo no cais. Controlando os passageiros de partida para o Tahiti. Tem um sujeito que desapareceu levando sua alma e toda a sua fortuna. Talvez tenha ido mesmo para o Tahiti. É ele que o teu patrão está procurando. O patrão juntou tudo o que lhe restou, até as pontas de cigarro, guardou tudo aqui. *Apontando Jane*. Essa aí, já faz três semanas está comendo grátis por conta do patrão. A irmã do menino está hospedada aqui também. O que ele quer fazer com ela não está claro não. Às vezes ele fica falando com ela a noite inteira.

SKINNY — E vocês? Ele jogou vocês na rua e vocês ainda pagam as contas dele. E ainda por cima mantêm a comitiva?

GORILÃO — Os poucos dólares que ele ganhou carregando carvão ele entrega à família do menino. Ele alugou um buraco lá. Mas não pode morar lá. Eles não suportam ele. O menino em questão simplesmente fez a limpeza nele. Se presenteou com uma passagem de excursão para o Tahiti. E deixou um carregamento de madeira pendurado no pescoço do patrão que pode cair a qualquer momento. Dentro de uns cinco meses mais ou menos o tribunal vai pedir explicação por esse negócio de vender madeira duas vezes.

SKINNY — E vocês ainda dão comida pra essa ruína.

GORILÃO — O patrão precisava se distrair um pouco. A um homem como ele, todo mundo dá crédito. Se o menino continuar desaparecido, o patrão não vai pedir mais do que uns três meses pra conquistar o primeiro lugar no negócio de madeira. Tenho certeza disso.

JANE *semivestida, se maquila* — Eu sempre imaginei que era assim que eu ia acabar. Num bordel chinês.

GORILÃO — Por enquanto você não tem a menor idéia do que eles estão planejando fazer com você.

Vozes são ouvidas atrás do biombo.

MARIE — Mas por que você nunca me toca? Porque é que você usa sempre esse trapo fedendo a fumo? Eu tenho um terno aqui pra você. Eu tenho um terno igual aos que os outros homens usam. Eu não consigo dormir. Eu estou apaixonada por você.

JANE — Psst! Escutem! São eles de novo.

SHLINK — Eu sou indigno. Eu não entendo nada de virgens. Há muito tempo que eu percebi que os homens da minha raça têm um cheiro particular.

MARIE — É. Ele é ruim. É ruim mesmo.

SHLINK — Você não devia se atormentar tanto. Olha: o meu corpo está anestesiado: e a minha pele ficou insensível. A natureza fez a pele do homem fina demais para o mundo em que ele vive, e é por isso que o homem sofre tanto pra fazer ela ficar mais grossa. Isso podia ser um sistema muito bom, se a gente pudesse deter o seu crescimento. Um pedaço de couro curtido, por exemplo, fica o mesmo, mas a pele cresce, fica cada vez mais grossa.

MARIE — Por que isso? Por que o senhor não encontra adversário à sua altura?

SHLINK — Numa primeira fase, por exemplo: uma mesa ainda tem quinas. Depois, e isso é o que não é muito agradável, a mesa parece de borracha. Mas na fase da pele grossa, não existe mais nem mesa nem borracha.

MARIE — Desde quando o senhor sofre dessa doença?

SHLINK — Desde a infância, quando eu remava nos barcos ao longo do Yang-Tsé-Kiang. O Yang-Tsé torturava os juncos. E os juncos nos torturavam. Tinha um homem que, cada vez que passava por cima dos barcos dos remadores, pisava por cima das nossas caras. E de noite, nós estávamos tão cansados que não tínhamos força para desviar o rosto. Mas o homem, por estranho que pareça, não se cansava de caminhar por cima de nós. Mas nós, de nossa parte, torturávamos uma gata; ela se afogou quando nós quisemos ensinar ela nadar, e era ela quem comia os ratos que ameaçavam devorar os nossos corpos. Toda aquela gente de bordo teve essa doença.

MARIE — Quando é que você esteve no Yang-Tsé-Kiang?

SHLINK — De madrugada nós estávamos deitados nos juncos e sentíamos a doença crescer em nós.

VERME *entra* — O vento engoliu o menino completamente. Em toda Chicago, nem um fio de cabelo.

SHLINK — Você devia ir dormir um pouco. *Sai de trás do biombo*. Nada ainda? *Shlink sai. Pela porta aberta ouve-se o barulho de Chicago que desperta. Gritos de leiteiros, ruídos de carros de carne.*

MARIE — Chicago acorda no meio dos gritos dos leiteiros e do barulho das carroças de carne. É a hora dos jornais e do ar fresco da manhã. Seria bom sair e se lavar, mergulhar na água fria. Tanto o campo como o asfalto têm alguma coisa boa. Agora, por exemplo, um vento frio está soprando no campo, onde a gente viveu um dia. Tenho certeza disso.

GORILÃO — Você se lembra do seu livrinho de catecismo, Jane?

JANE *choramingando* — As coisas vão piorar cada vez mais, as coisas vão piorar cada vez mais...

Começam a arrumar a sala. Erguem as persianas, arrumam as esteiras.

MARIE — Quanto a mim, estou sem fôlego. Eu quero dormir com um homem e não sei como. Tem mulheres que são como cadelas, amarelas e pretas, e eu não consigo. Eu estou como cortada em duas, rasgada. As paredes parecem de papel, a gente não consegue respirar. É preciso botar fogo em tudo. Onde estão os fósforos, uma caixa preta enorme, para que as águas possam inundar tudo. Ah, se as águas me levassem, o meu corpo se dividisse em dois, as duas metades de mim seriam levadas para direções diferentes.

JANE — Para onde ele foi?

GORILÃO — Ele está inspecionando os rostos dos que estão indo embora, que acham a vida em Chicago muito dura.

JANE — O vento leste está soprando. Os navios para o Tahiti levantam as âncoras.

5

O MESMO HOTEL

Um mês mais tarde, 19 ou 20 de setembro. Um dormitório sujo.

Um corredor. Um bar envidraçado.

O Verme. George Garga. Manky. O Gorilão.

VERME *fala do corredor para o bar* — Não, ele não levantou a âncora, não. O arpão penetrou mais fundo do que a gente pensava. Nós pensamos que a terra tivesse tragado o garoto, mas agora ele está aí, no quarto do Shlink, lambendo as suas feridas.

GARGA *do quarto* — "Nos meus sonhos eu te invoco, o meu esposo infernal". Shlink, o cachorro. "Nós não dividimos mais nem a mesma cama nem a mesma mesa. E ele não tem mais quarto. Sua noivinha fuma charutos da Virgínia e ganha umas coisinhas pra fazer o pé-de-meia". Isso sou eu. *Ri*.

MANKY *no salão do bar, atrás das vidraças* — É estranha a vida. Eu, por exemplo, conheci um homem de primeira categoria, mas amava uma mulher. A família dela morria de fome. Ele tinha 2.000 dólares no bolso, mas deixou que eles morressem de fome diante dos seus próprios olhos. Porque ele precisava dos 2.000 dólares para amar a mulher, sem isso ela não seria dele. É uma safadeza, mas ele não sabe o que faz.

GARGA — "Olha pra mim, eu sou um pobre pecador. Eu amei o deserto, os pomares queimados, as lojas decadentes, as bebidas tépidas. Vocês estão enganados. Eu sou um homem pequeno." Eu não tenho nada que ver com o senhor Shlink de Yokoama!

GORILÃO — Olha, por exemplo, o comerciante de madeira. Ele nunca deu sinal de ter um coração. Mas um belo dia, por causa de uma paixão, mandou todo o seu negócio pró inferno. Agora está carregando carvão lá embaixo, no porto. Ele que um dia teve todo o bairro na mão!

VERME — Nós recolhemos ele aqui como um cão de raça faminto. Mas agora, se ele não largar esse osso, que felizmente apareceu de novo, aí a nossa paciência vai terminar.

GARGA — "Um dia serei a sua viúva. É certo que no calendário esse dia já está marcado. E eu vestindo cuecas limpas, vou seguir o enterro a passos largos no sol quente."

MARIE *entra com uma cesta de comida* — George!

GARGA — Quem é? *Ele a reconhece*. Mas como você está! Parece um trapo imundo.

MARIE — É.

VERME *para dentro do bar* — Ele está de porre. E agora a irmã veio ver ele. Ele já disse pra ela que ela está imunda. Onde é que está o velho?

GORILÃO — Ele vem hoje. Eu trouxe Jane para cá. Vai servir de isca, eu acho. Vale tudo nessa briga.

JANE *sacode a cabeça* — Eu não entendo nada. Me dá de beber. Gim.

MARIE — Eu fico contente em saber que você tinha uma opinião melhor de mim. Por isso você está tão espantado de me ver aqui. E

também queria te lembrar do tempo em que você era o orgulho de todas as mulheres no sábado de noite, quando você dançava o Shimmy e o

Ragtime; as tuas calças tinham um vinco impecável e os teus únicos vícios eram cigarro, whisky e mulher, vícios que ficam bem nos homens... Eu gostaria que você pensasse nisso, George. Pausa. Como é que você está vivendo?

GARGA *rápido* — Aqui faz um frio de noite. Você quer alguma coisa? Está com fome?

MARIE *rápida, sacode a cabeça. Olha-o.* — Ah, meu pobre George, já faz tempo que os corvos estão voando por cima de nós.

GARGA *rápido* — Quando é que você esteve em casa a última vez?

Marie se cala.

GARGA — Me disseram que você freqüenta esse hotel.

MARIE — Ah? Quem é então que está tomando conta deles em casa?

GARGA *sangue frio* — Pode ficar tranqüila. Me disseram que tem alguém que cuida deles. E eu sei também o que você anda fazendo. Também estou a par do que acontece num tal Hotel Chinês.

MARIE — É agradável olhar as coisas com esse sangue frio, George? *Garga olha-a.* Não me olhe assim nos olhos. Eu sei que você é católico.

GARGA — Começa você.

MARIE — Eu estou apaixonada por ele. Por que é que você não diz nada?

GARGA — Ama ele. Isso vai fazer ele ficar mais fraco.

MARIE — Por favor, pára de ficar olhando pro teto — eu não consigo que ele me ame.

GARGA — Isso é mau.

MARIE — Eu sei. Ah, George, eu estou rasgada em duas. Porque eu não consigo que ele me ame. Eu tremo debaixo da roupa quando eu olho pra ele. E quando eu abro a boca eu digo palavras erradas.

GARGA — Eu não sei ensinar as certas. Uma mulher desprezada! Eu tive uma. Não valia um copo de rum. Mas ela sabia como atrair um homem! Ela cobrava. E sabia muito bem quanto valia.

MARIE — Você me diz coisas tão duras, que ficam nadando na cabeça como álcool. Será que estão certas essas palavras? Você é quem sabe. Mas agora eu entendo você.

Shlink entra no corredor.

VERME — Eu falo por experiência: toda a humanidade, da raiz do cabelo à ponta dos pés, morre por causa dos sonhos de papel. E não tem nada tão parecido com papel como a vida real.

Marie volta-se e defronta Shlink.

SHLINK — Aqui, senhorita Garga?

MARIE — Uma mulher que se declara a um homem não respeita os bons costumes. Eu queria dizer que o meu amor pelo senhor não prova nada. Eu não quero nada do senhor. Pra mim não é fácil lhe dizer isso, inclusive, isso deve ser evidente.

GARGA *vem do quarto de dormir* — Fica aqui, Marie. Nós, com a nossa cara de gente do interior, estamos sendo embrulhados nessa cidade grande. Não faz nada contra tua vontade. Não se venda tão fácil assim.

MARIE — Sim, George.

GARGA — Aqui é assim: ele trabalha corno um cavalo e eu me espreguiço e nado numa piscina de absinto.

SHLINK — Os conquistadores deste mundo gostam de ficar de papo pro ar.

GARGA — Os proprietários trabalham.

SHLINK — Você tem alguma preocupação?

GARGA — Cada vez que eu olho pra sua cara, eu tenho a impressão que você está me avaliando. Está achando que apostou no cavalo errado? Sua cara envelheceu.

SHLINK — Muito obrigado por não ter esquecido. Eu quase cheguei a pensar que você estava no sul. Peço que me desculpe. Eu tomei a liberdade de prover as necessidades de sua família graças ao trabalho das minhas mãos.

GARGA — Isso é verdade, Marie? Eu lhe asseguro que não sabia de nada. Então o senhor está se infiltrando? Vossa baixeza real está satisfeita com o fato de alimentar a minha família? Pois bem. Eu acho muito engraçado. *Vai à esquerda, para o quarto, deita-se rindo.*

SHLINK *seguindo-o* — Pois ri então! Eu adoro o seu riso. O seu riso é o meu sol, aqui antes estava tão escuro. Que desgraça não poder ver você. Já faz três semanas, Garga!

GARGA — Elas por elas. Eu também estou muito satisfeito.

SHLINK — E você vive num banho de mel.

GARGA — Só que estou com as costas chatas de tanto ficar deitado; ficaram chatas como uma espinha de peixe.

SHLINK — Que vida miserável essa; você vive no mel e o mel está podre.

GARGA — Eu quero mais vida do que ficar gastando as solas das minhas botas dando pontapés em você.

SHLINK — Eu lhe peço que não tenha escrúpulos nem com a minha humilde pessoa.nem com as minhas intenções. Mas eu estou aqui. Se você quiser desistir do combate, não vai poder deixar a arena lavando as mãos.

GARGA — Mas eu vou desistir. Faço greve. Jogo a toalha. Será que estou assim tão amarrado a você? Você não passa de uma noz pequena e dura, que a gente devia cuspir fora, porque sabe que ela é mais dura que os dentes. É só casca.

SHLINK *contente* — Eu não poupo esforços para produzir toda a luz que você necessita para enxergar mais claro. Eu me coloco debaixo de todas as luzes, senhor Garga. *Se coloca debaixo da lâmpada.*

GARGA — O senhor está querendo pôr em leilão esta alma cheia de varíola? Então o senhor pode agüentar qualquer sofrimento? Ou o senhor está simplesmente calejado?

SHLINK — Parte a noz com os dentes!

GARGA — Você está se retirando pró meu canto. O senhor começa uma luta metafísica, mas deixa atrás um matadouro.

SHLINK — Você está se referindo às minhas relações com sua irmã? Eu não imolei nada que tenha sido defendido por sua mão protetora.

GARGA — Eu tenho só duas mãos. O que é humano pra mim o senhor devora como um monte de carne. O senhor me abre os olhos para me mostrar as minhas reservas, no mesmo instante em que o senhor seca a fonte. O senhor transformou minha família em reserva sua. O senhor vive das minhas reservas. E eu vou secando cada vez mais. Agora sou eu que estou caindo na metafísica. E o senhor ainda tem coragem de vir vomitar tudo isso na minha cara!

MARIE — Por favor, George, posso ir embora? *Retira-se até os fundos.*

GARGA *segue-a e puxa-a para frente* — Pelo contrário! Nós estamos só começando a falar em você. Só agora você entrou no meu campo visual.

SHLINK — A minha desgraça é pisar no ponto fraco. Eu recuo. Mas o senhor só reconhece o valor dos que são importantes pro seu afeto quando eles estão no necrotério. E eu sinto necessidade de esclarecê-lo sobre as próprias inclinações. Mas continua, por favor. Eu entendo você perfeitamente.

GARGA — Mas eu faço o sacrifício. Por acaso tenho o ar de quem está se recusando ?

MARIE — Você devia me deixar ir embora. Sinto medo aqui.

GARGA — Vem para cá! *Corre para o corredor*. Vamos fundar uma família!

MARIE — George!

GARGA — Fica aqui! *Para dentro*. Trata de participar nisso como homem, cavalheiro.

SHLINK — Não me nego nem um minuto.

GARGA — Você ama esse homem? E ele fica passivo?

Marie chora.

SHLINK — Espero que não passe do limite! *Volta correndo ao quarto.*

GARGA — Não se preocupe. Isso vai ser um passo pra frente! É uma tarde de quinta-feira, não é? Isto é um hotel chinês! E esta é minha irmã Marie Garga, não é? *Sai correndo*. Vem cá, Ma, minha irmã! Este é o sr. Shlink de Yokoama. Ele quer dizer uma coisa para você!

MARIE — George!

GARGA *vai buscar bebidas* — "Eu fugi para os subúrbios da cidade; onde as brancas mulheres, com as bocas tortas, cor de laranja, se agacham nas sarças ardentes."

MARIE — Já está ficando noite lá fora, e hoje eu quero voltar para casa.

SHLINK — Eu te acompanho, se você quiser.

GARGA — "Seus cabelos eram de verniz negro, muito finos; seus olhos estavam apagados pelo vento da devassidão das noites bêbadas e dos sacrifícios ao ar livre."

MARIE *falando baixo* — Não me peça isso, por favor!

GARGA — "Quais cintilantes peles de serpentes, seus vestidos leves, molhados por chuvas eternas, batiam contra os membros excitados numa tensão sem fim."

SHLINK — Eu pedi de verdade. Não tenho segredo para ninguém.

GARGA — "As vestes envolvem completamente até às unhas dos pés aqueles cujos corpos estão fundidos em cobre. Este espetáculo fez empalidecer nas nuvens a Madona que vela por suas irmãs." *Volta, dá um copo a Shlink*. Você não quer beber? Eu acho que vai ser preciso.

SHLINK — Por que o senhor bebe? Quem bebe mente.

GARGA — É divertido conversar com você. Quando bebo, a metade dos meus pensamentos escorrem do meu cérebro. Eu canalizo tudo pra terra. E me sinto mais leve. Beba!

SHLINK — Eu prefiro não fazer nada. Mas se o senhor insiste...

GARGA — Eu convido e o senhor recusa...

SHLINK — Não recuso, não. Mas a única coisa que eu tenho é o cérebro.

GARGA *depois de um momento* — Queira me desculpar. Vamos fazer uma divisão: você diminui o seu cérebro. Depois de beber, você vai amar.

SHLINK *bebe, numa espécie de cerimônia* — Depois de beber eu vou amar.

GARGA *grita no quarto* — Quer um copo, Ma? Não? Por que não pega uma cadeira?

GORILÃO — Cala a boca! Escutei eles falarem até agora. Agora calam-se!

GARGA — Esse é o buraco negro. Agora quarenta anos vão passar. Não digo que não. Um abismo se abre diante de nós, o fundo do poço rachou e o esgoto vem vindo à tona, os baixos instintos aparecem, mas os desejos que provocam são muito fracos. Durante quatrocentos anos eu sonhei com manhãs no mar, com o vento de sal me golpeando os olhos. Como tudo era simples. Calmo. *Ele bebe*.

SHLINK *submisso* — Eu peço a sua mão, senhorita Garga. Devo me atirar humildemente aos seus pés? Por favor, venha comigo. Eu a amo.

MARIE *corre para o salão* — Socorro! Estão me vendendo!

MANKY — Eu estou aqui, meu bem!

MARIE — É, eu sabia que você está sempre onde eu estou!

GARGA — "Como na ópera: um golpe de vento basta para abrir rachas nos cenários."

SHLINK *berra* — Sai deste bar, Marie Garga, por favor. *Marie sai do bar*. Não se rebaixe, senhorita Garga. Eu lhe peço.

MARIE — Eu quero encontrar um quarto onde não tem nada. Eu agora não quero mais muitas coisas, eu prometo que não vou querer, Pat.

GARGA — Luta pela tua chance, Shlink.

SHLINK — Pense nos anos que não passam, senhorita Garga, e não esqueça que agora você tem sono.

MANKY — Vem comigo, tenho 2.000 dólares. Isto quer dizer um teto no inverno. E fantasmas não têm, só no necrotério.

SHLINK — Venha comigo, por favor, Marie Garga, estou pedindo. Vou cuidar de você como esposa. Vou servir você. E se algum dia eu lhe magoar, eu prometo que me enforco com a maior discrição.

GARGA — Ele não está mentindo. Pode ter certeza que ele não está mentindo. É isso que você ganha se ficar com ele, centavo por centavo.

MARIE *entra no salão* — Me diz, Pat: mesmo que eu não te ame, você me ama?

MANKY — Acho que sim. E não está escrito em nenhum lugar, no céu ou na terra, que você não me ama, meu bem.

GARGA — Você aqui, Jane? Devorando os seus coquetéis? Você não parece mais a mesma. Já vendeu tudo?

JANE — Tira esse sujeito da minha frente, Gorilão. Não gosto da cara dele. Ele me irrita. Mesmo que não seja mais dessas que vivem no leite e no mel, eu não suporto que alguém venha fazer troça de mim.

GORILÃO — Eu quebro o nariz de qualquer pessoa que diga que você é sapato velho!

GARGA — Então, eles te entupiram de ração, você também? A tua cara parece lambida como sorvete de limão. E você andava por aí em trapos finos como atriz de ópera, mas agora parece que te jogaram uma nuvem de carvão por cima. Mas eu dou crédito a você por não ter vindo por iniciativa própria. Foram as moscas que te sujaram, minha galinha bêbada.

MARIE — Então vamos embora! Eu gostaria de lhe ter feito esse favor, Shlink, mas eu não posso. Não é orgulho.

SHLINK — Fica então se você quiser. Não vou repetir a minha proposta, se não lhe agrada. Mas não deixa o Buraco engolir você. Há muitos lugares onde você pode viver sem ter um homem ao lado.

GARGA — Não para uma mulher. Deixa ela, Shlink! Você não vê atrás do que ela está? Se você tivesse preferido um teto no inverno, Jane, você ainda ia estar sentada no meio das suas camisas.

SHLINK — Bebe antes de amar, Marie Garga!

MARIE — Vem Pat, este lugar não é bom. Essa é a tua mulher, George? É mesmo? Estou contente por ter visto ela antes de partir. *Ela sai com Manky.*

SHLINK *grita para eles* — Eu não desisto de você. Volte quando tiver compreendido.

GORILÃO — É um sapato velho, cavalheiros; folgado demais! Ri.

GARGA *ilumina o rosto de Shlink com uma vela* — A cara ainda está em ordem. As suas boas intenções me confundem.

SHLINK — As vítimas de ambos os lados são consideráveis. Quantos navios você precisa para chegar ao Tahiti? Quer que eu ice a minha camisa para te servir de vela? Ou a da tua irmã? Eu te responsabilizo sobre o destino da tua irmã. Foi você que abriu os olhos dela para o que ela vai representar para os homens, para todo o sempre: um objeto. Espero não ter frustrado nada. Quase que eu ganhei a virgindade dela, mas você decidiu que eu devia me contentar com os restos. Não esqueça também a tua família, que você está abandonando na miséria. Agora já viu o que vai sacrificar!

GARGA — Eu quero assassinar todos agora. Isso mesmo. Estou pronto pra dar um pulo e tomar a dianteira. Agora eu entendo, também, porque você encheu eles com o que você ganhou carregando carvão, até eles ficarem gordos. Mas não vou permitir que a nossa brincadeira seja uma pechincha. Chegou o momento de apanhar este pequeno animal que você está guardando para mim.

JANE — Não permito que me insultem. Eu sou sozinha no mundo. E quem toma conta de mim sou eu.

GARGA — E agora te peço que você me entregue o dinheiro daquela venda dupla de madeira. Eu espero que você tenha guardado para mim. Porque chegou o momento de me dar o dinheiro. *Shlink tira o dinheiro e entrega a Garga*. Estou completamente bêbado. Mas por mais bêbado que eu esteja, eu tenho ainda uma ótima idéia, Shlink. Uma idéia de primeira! *Sai com Jane.*

GORILÃO — Esse foi o seu último dinheiro, senhor. De onde é que o senhor tirou esse dinheiro? O senhor ainda vai ser interrogado sobre isso. Broost & Cia. estão exigindo a madeira que pagaram.

SHLINK *sem prestar atenção a Gorilão* — Uma cadeira. *Os outros continuam como estão*. Meu arroz e um copo com água!

VERME — Aqui não tem mais arroz para o senhor; sua conta está fechada.

6

O LAGO MICHIGAN

Fins de setembro. Num bosque. Shlink e Marie.

MARIE — As árvores parecem que estão cobertas de escrementos humanos, o céu está tão baixo, parece que dá para pegar com a mão. Como tudo isso me deixa indiferente. Eu estou gelada. Estou como um bicho quase morto de frio. Não sei o que fazer comigo.

SHLINK — Se isso te ajuda, eu te amo.

MARIE — Eu me prostitui. Ah, como o amor se tornou uma fruta amarga. As outras vivem um tempo bonito quando amam. Eu murcho aqui. Eu joguei a minha vida fora. Meu corpo está murchando.

SHLINK — Me conta até onde você chegou. Isso vai aliviar.

MARIE — Fui para cama com um homem que é como um animal. Me entreguei a ele muitas vezes, mas meu corpo estava morto e não via meios de me excitar. Nos intervalos ele fumava charutos Virgínia, era um marinheiro. Eu amei você em cada momento que eu passei entre aquelas paredes. Eu fiquei tão cheia de ardor que ele pensou que era amor e quis me refrear. Eu dormi um sono preto. Não te devo nada, mas mesmo assim a minha consciência grita que eu sujei o corpo que te pertence, apesar de você ter me desprezado.

SHLINK — Eu lamento que você esteja com frio. Eu pensei que o ar estava quente e escuro. Não sei como é que os homens desse país falam com as suas amantes. Mas se isso te ajuda: eu te amo.

MARIE — Eu sou tão covarde. Minha coragem se foi com a minha consciência.

SHLINK — Você vai encontrar um meio de se purificar.

MARIE — Eu acho que devia entrar no lago, mas não posso. Eu ainda não estou pronta. Oh, que desespero! Esse coração que nada acalma. Em tudo que eu quis ser, eu sou só a metade. Nem amar eu posso. É tudo vaidade. Eu ouço o que você me diz, não estou surda, tenho ouvidos, mas o que é que isso quer dizer? Pode ser que eu esteja dormindo e que alguém vá me acordar, e pode ser que eu seja dessas que fazem um mau negócio, só para ter um teto em cima da cabeça. E pode ser que eu engane a mim mesma e feche os olhos.

SHLINK — Vem, está ficando frio.

MARIE — Mas a folhagem está quente e nos proteje contra o céu que está perto demais. *Saem.*

MANKY chegando — As pegadas dela estão apontando para cá! É preciso ter uma boa dose de humor neste mês de setembro. É o momento em que os caranguejos se encontram, ouve-se o grito de amor dos veados no mato, é o tempo da caça dos texugos. Mas as minhas barbatanas estão frias e eu forro as minhas meias pretas com jornais velhos. Onde é que ela está vivendo, isto é pior! Se ela estiver amando por aí naquele puteiro, que nem uma espinha de peixe, nunca mais vai conseguir uma camisa limpa. Isso deixa mancha! Oh, Pat Mankyboddle, eu te declaro fora da lei! Fraco demais para me defender, eu passo ao ataque! Essa canalha vai ser engolida, com a sua pele emplumada! Uma boa prece vai acelerar a digestão, os corvos vão ser fuzilados de acordo com a lei marcial e dependurados no meu museu particular. Brr! Palavras! Frase sem dente! *Tira um revólver do bolso.* Essa é a resposta mais fria. Farejando no mato, atrás de uma mulher, seu porco? De quatro? Merda! Isto aqui é a floresta do suicídio! Atenção, Patty! Pra onde é que uma mulher deve ir quando está acabada, da cabeça aos pés? Desiste, Patty, fuma um pouco, come um bocado, põe essa coisa no bolso. E vai adiante! *Sai.*

MARIE volta com Shlink — É repugnante diante de Deus e dos homens, não vou com você.

SHLINK — Que sentimento podre. Você devia espairecer um pouco.

MARIE — Não, não posso, você está me sacrificando.

SHLINK — O que você precisa é enfiar a cabeça no sovaco de um homem, não importa qual.

MARIE — Eu não sou nada pra você.

SHLINK — Você não pode viver sozinha.

MARIE — Você me tornou com tanta pressa, como se pensasse que eu ia fugir! Como isso parece um sacrifício.

SHLINK — Como uma cadela louca você correu pró mato e como uma cadela louca você saiu.

MARIE — Eu sou como você diz? Eu sou sempre como você diz. Eu te amo. Não se engane nunca: eu te amo. Eu te amo como uma cadela louca. Você falou a verdade. Mas agora, paga! É, eu quero ser paga. Passa pra cá o dinheiro. Quero viver do seu dinheiro. Eu sou uma puta.

SHLINK — Seu rosto está todo molhado. Você, uma prostituta.

MARIE — Me dá o dinheiro e não ri de mim. Não olha pra mim. O meu rosto está todo molhado, mas não é lágrima, é o sereno. *Shlink entrega-lhe o dinheiro*. Eu não vou dizer: obrigada, sr. Shlink de Yokoama.

Ajustamos as contas. É um negócio. Nenhum de nós tem nada que agradecer.

SHLINK — Saia por aí! Aqui você não vai ganhar nada! *Sai.*

7

SALA NA CASA DA FAMÍLIA GARGA

Dia 29 de setembro de 1912.

A sala está arrumada com mobília nova. John Garga, Mae, George, Jane, Manky, todos de roupa nova participam do banquete de núpcias.

JOHN — Desde que este homem, que ninguém aqui nesta casa gosta de mencionar, e que tem pele de cor diferente da nossa, mas vai para o depósito de carvão por causa de uma família que ele conhece, é, para trabalhar pra eles dia e noite, é, desde que esse homem, que tem pele diferente, estendeu a sua mão protetora sobre nós, no bairro do carvão, aqui as coisas melhoraram dia a dia, em todos os aspectos. Hoje, sem saber que ia haver casamento, ele tornou possível ao nosso filho George uma festa de núpcias que só um chefe de uma grande firma pode dar. Gravatas novas, ternos novos, um leve cheiro de whisky em nossos dentes no meio da mobília nova.

MAË — Não é estranho que esse homem possa ganhar tanto dinheiro só carregando carvão?

GARGA — Sou eu que ganho dinheiro.

MAË — Vocês casaram assim, do dia pra noite. Isso não foi um pouco precipitado, Jane?

JANE — A neve também pode derreter, então pra onde é que ela vai, e a escolha cai na pessoa errada, isso acontece muito.

MAË — Mas não é questão de homem certo ou errado. O importante é não desistir.

JOHN — Não fale bobagem. Come o teu bife e aperta a mão da noiva.

GARGA — É. *Agarra o punho de Jane.* É uma mão boa. Eu me sinto muito bem aqui. Azar se o papel de parede está descolando. Estou vestindo roupa nova, comendo bife, sentindo o gosto de cal, protegido pelo reboco, por um dedo de espessura de reboco, vejo um piano. Coloquem uma coroa de flores na fotografia de nossa muito amada irmã, Marie Garga, nascida há vinte anos atrás no campo. Coloquem as sempre-

vivas debaixo do vidro. É bom estar aqui. É bom deitar aqui. O vento negro não entra aqui.

JANE *levantando-se* — O que é que você tem, George? Você está com febre?

GARGA — A febre me faz bem, Jane.

JANE — Eu fico imaginando o que você vai querer comigo, George.

GARGA — Por que é que você está tão pálida, mãe? Não está vendo que o filho pródigo à casa torna? Por que ê que vocês estão aí, de pé, como estátuas de gesso, contra a parede?

MAË — Eu acho que é luta, de que você fala.

GARGA — Eu estou com mosca no cérebro, não é? Pois eu posso espantar elas. *Entra Shlink*. Mãe, um prato, um bife e um copo de vinho pró nosso convidado, a quem eu dou as boas vindas. Sabe, eu me casei hoje de manhã. Conta a estória pra ele, minha querida esposa.

JANE — Eu e o meu marido fomos até o xerife, de manhã cedo, quando nós saímos da cama e falamos assim: — Podemos casar aqui? E ele disse: — Conheço você, Jane, você está mesmo decidida a ficar ao lado de seu marido? — Mas eu vi que ele era um homem bom, tinha uma barba e não tinha nada contra mim; aí eu falei: a vida não é exatamente como o senhor pensa.

SHLINK — Meus parabéns, senhor George Garga. O senhor é um homem muito vingativo.

GARGA — O teu sorriso está escondendo um medo terrível. Acho que você tem razão. Não precisam comer tão depressa! Tem tempo! E Marie, onde é que ela está? Espero que nada falte a ela. A satisfação dela deve ser completa. Infelizmente, nesse momento, não tem nenhuma cadeira vazia, Shlink. Está faltando uma cadeira. A não ser isso, a mobília está nova e completa. Veja esse piano. Tudo isso é muito agradável. De agora em diante quero passar minhas noites aqui, no seio da minha família, que o senhor vê aqui reunida. Minha vida entrou agora numa fase nova. Amanhã vou voltar à Biblioteca do sr. C. Maynes.

MAË — Ah, George, você não está falando demais?

GARGA — O senhor ouviu? Minha família não quer que eu mantenha relações com o senhor. A nossa amizade chegou ao fim, sr. Shlink. Ela foi muito proveitosa para nós. A mobília fala por si. A roupa nova da minha família inteira atesta claramente. Dinheiro não falta, obrigado. *Silêncio.*

SHLINK — Posso lhe pedir mais um favor? É um assunto pessoal. Tenho aqui uma carta da firma Broost & Cia. Estou vendo, em cima, o carimbo do tribunal do Estado de Virgínia. Eu descobri que ainda não abri. Eu ficaria muito agradecido se você fizesse isso por mim. Seja o que for, qualquer notícia, por mais trágica que seja, vinda de sua boca é sempre uma notícia agradável. *Garga lê*. Um pequeno conselho de sua parte me facilitaria muito as coisas neste assunto estritamente pessoal.

MAË — Por que você não diz nada, George? O que você está planejando? Você está outra vez com cara de quem tem um plano. Nada me dá tanto medo. Vocês ficam por trás desses pensamentos desconhecidos como se estivessem atrás de uma cortina de fumaça; e nós ficamos esperando, como gado no matadouro. Vocês dizem: esperem um pouco, vão embora, voltam e a gente não reconhece mais vocês. A gente não fica sabendo o que vocês fizeram a vocês mesmos. Me conta o seu plano, e se você não tem nenhum, então fala também, para eu saber o que fazer. Eu também preciso organizar o meu tempo. Quatro anos nessa cidade de ferro e de lixo! Ah, George.

GARGA — Olha, os piores anos foram os melhores. E agora acabaram.

Vocês, meus pais, e você Jane, minha esposa, escutem: eu decidi ir para a cadeia.

JOHN — O que é que você está dizendo? É disso então que vem o dinheiro de vocês? Que você ia acabar na cadeia, isto já estava escrito na sua testa, desde que você só unha cinco anos. Nunca perguntei o que é que houve entre vocês dois. Sempre tive certeza que era sujeira. Vocês perderam o pé: comprar pianos, ir para a cadeia, trazer para cá cestos cheios de carne, deixar uma família na miséria — tudo isso pra vocês é a mesma coisa? Onde é que está Marie? Sua irmã? *Tira o paletó e joga-o no chão*. Pega o meu paletó de volta, eu bem que não queria vestir. Mas eu me acostumei a sofrer todas as humilhações que esta cidade tem em estoque pra mim.

JANE — Por quanto tempo, George?

SHLINK — Um estoque de madeira foi vendido duas vezes. Isto significa cadeia, é claro. O delegado não vai se interessar pelas circunstâncias. Eu, que sou seu amigo, eu podia explicar muitas coisas ao xerife, fazer uma declaração de renda tão bem feita quanto a Standart Oil. Eu estou impaciente para ouvir o seu filho, senhora Garga.

JANE — Não deixa eles levarem você na conversa, George. Faz o que você achar que é preciso. Sem nenhuma consideração. Eu sou a sua esposa. Eu cuido da casa enquanto você não estiver aqui.

JOHN *cai na gargalhada* — Ela vai cuidar da casa! Uma mulher que ele apanhou na rua ontem! Vamos continuar a ser sustentados com o dinheiro ganho com o pecado.

SHLINK *a Garga* — Você me deu a entender que o seu coração está afeiçoado à sua família. E o seu desejo é passar as noites aqui, com esta mobília. Suponho que muitos dos seus pensamentos estejam dirigidos a mim, seu amigo, preocupado em remover todas as pedras do seu caminho. Estou pronto a preservá-lo para a sua família.

MAË — Você não pode ir pra cadeia, George.

GARGA — Mãe, eu sabia que você não ia compreender como é difícil prejudicar uma pessoa. Agora, destruir essa pessoa é praticamente impossível. O mundo é pobre demais. Temos que nos matar trabalhando para lançar sobre ele objetos de luta.

JANE *a Garga* — Agora você fica aí filosofando, enquanto o teto desaba sobre a nossa cabeça.

GARGA *a Shlink* — Olha em volta. Você vai encontrar dez homens maus e nenhuma ação má. O homem está sendo destruído por motivos triviais. Agora vou liquidar tudo de uma só vez. Vou passar um traço debaixo da nossa conta e depois vou embora.

SHLINK — A sua família quer saber se significa alguma coisa para você. Aquele que você não segurar vai cair. Basta uma palavra, Garga.

GARGA — Eu dou a liberdade de presente para todos.

SHLINK — Eles vão apodrecer pouco a pouco. Isto vai ser debitado na sua conta. Olha aí o que sobrou. Eles podem querer começar tudo de novo. O que aconteceria se eles, como você, resolvessem fazer uma limpeza geral de tudo? Rasgar as toalhas, as toalhas da mesa, e sacudir fora as pontas de cigarro. Eles poderiam imitar você, e saírem livres e indecentes, com as roupas emporcalhadas.

MAË — Fique quieto, George. Tudo que ele está dizendo é verdade.

GARGA — Agora, finalmente, eu posso ver certas coisas. Eu aperto os olhos e vejo alguma coisa, uma luz fria. Mas não é o seu rosto, sr. Shlink. Talvez o senhor nem tenha rosto.

SHLINK — Quarenta anos de vida foram agora julgados como tendo sido sujos; mas vai começar agora o tempo de uma grande liberdade.

GARGA — É isto mesmo. A neve quis cair, mas fez frio demais, eles vão voltar a comer os restos da cozinha, vão voltar a passar fome, e eu vou matar o meu inimigo.

JOHN — Eu só vejo fraqueza. Nada mais. Desde que vi você pela primeira vez. Vai embora. Nos deixa em paz. Por que é que eles não levam também os móveis?

GARGA — Eu li uma vez que, mesmo as águas, por mais mansas que sejam, desafiam todas as montanhas. Eu estou ansioso para ver o seu verdadeiro rosto, Shlink, seu rosto cor de leite, maldito, invisível.

SHLINK — Eu não quero mais discutir com você. Três anos! Para um homem jovem como você, eles passam tão rápido como um abrir de portas. Mas para mim! Não tirei nenhum proveito do senhor, se isto lhe proporciona algum consolo. Mas saiba também que sua partida não me deixa nenhum traço de tristeza. Agora que eu volto a me envolver nesta cidade barulhenta e retomo os meus negócios, como fazia antes de conhecer o senhor. *Sai.*

GARGA — Eu tenho só que telefonar à polícia.

JANE — Eu vou pro bar chinês. Eu detesto ver a polícia. Sai.

MAË — Às vezes fico pensando que Marie também não vai voltar mais.

JOHN — A culpa é dela mesma. Pra que ajudar os filhos, quando eles estão viciados?

MAË — Quando é então que se deve ajudar?

JOHN — Você fala demais.

MAË *senta-se ao lado dele* — Eu queria te perguntar o que você vai fazer?

JOHN — Eu? Nada. Mais uma era que termina.

MAË — Você compreende o que George quer fazer?

JOHN — Mais ou menos. Pior pra nós.

MAË — E de que é que você pretende viver?

JOHN — Do dinheiro que sobrou. E do piano que vai ser vendido.

MAË — Tudo vai ser levado embora, porque tudo foi ganho com desonestidade.

JOHN — Pode ser que a gente volte pra Ohio! Vamos fazer uma coisa ou outra!

MAË *levanta-se* — Queria te dizer uma coisa, John, mas não posso. Eu não acreditava que um homem pudesse ser amaldiçoado de repente. Mas isso se decide no céu. Num dia normal, como todos. Um dia em que não acontece nada diferente dos outros dias. E a partir desse dia, alguém fica amaldiçoado.

JOHN — O que é que você pensa fazer?

MAË — Eu vou fazer uma coisa bem clara, John, que me dá um grande prazer. Não pense que seja por isso ou por aquilo. Vou pôr no fogo mais um pouco de carvão e vou servir o jantar na cozinha. Sai.

JOHN — Cuidado que o fantasma do tubarão pode comer você aí na escada.

GARÇOM *entra* — A senhora Garga mandou trazer um conhaque para o senhor. Quer beber no escuro mesmo, ou quer que eu acenda a luz?

JOHN — Acende a luz, claro. *Sai o garçom.*

MARIE *entra* — Nada de sermões. Tenho dinheiro comigo.

JOHN — Você tem coragem de vir aqui? É uma bela família. Que jeito é esse?

MARIE — Meu jeito é ótimo. Mas de onde é que vocês tiraram essa mobília nova? Vocês ganharam dinheiro, é? Eu também ganhei.

JOHN — De onde é que você tirou o seu dinheiro?

MARIE — Quer saber?

JOHN — Passa pra cá. Vocês me deixaram passar fome! Eu não sou mais o mesmo homem.

MARIE — Você vai me tomar o dinheiro, então. Apesar da mobília nova. Onde é que está a mamãe?

JOHN — Os desertores a gente encosta no muro.

MARIE — Você botou ela na vida?

JOHN — Podem ser cínicos, todos vocês, rolem na sarjeta, bebam grogue. Mas eu sou o seu pai e vocês não podem me deixar morrer de fome.

MARIE — Onde é que ela foi?

JOHN — Vai você também. Estou acostumado a ser abandonado.

MARIE — Quando ela saiu daqui?

JOHN — Minha vida está acabando e eu estou condenado a ser pobre e lamber a saliva dos meus próprios filhos. Mesmo não tendo nada

a ver com os seus vícios. A única coisa que eu posso fazer é jogar vocês fora.

MARIE — Me devolve o dinheiro. Não era pra você.

JOHN — Nem pensar. Podem me amarrar dentro de um saco, mas ainda assim vou pedir um pouco de fumo.

MARIE — Adeus. *Sai.*

JOHN — Tudo que têm a dizer tem que ser dito em cinco minutos. Mais mentiras não tem. *Pausa*. É, em dois minutos cala-se tudo o que há para dizer.

GARGA *volta* — Onde é que está a mãe? Foi embora. Ela pensou que eu não ia voltar mais. *Sai correndo e volta*. Levou o outro vestido. Não vai voltar mais. *Senta-se à mesa e escreve uma carta* "Ao Examiner. Chamo a atenção sobre o malaio C. Shlink, negociante de madeira. Este homem perseguiu minha mulher, Jane Garga, e seduziu minha irmã, Marie Garga, que trabalhava como empregada na casa dele. George Garga." De minha mãe, nenhuma palavra.

JOHN — É a liquidação da nossa família.

GARGA — Escrevo esta carta e guardo este documento no bolso. Assim posso esquecer tudo. E depois de três anos, é esse o tempo em que vou passar na cadeia, e exatamente oito dias antes de me porem em liberdade, eu entrego esse documento ao jornal para que este homem seja expulso desta cidade e desapareça dos meus olhos quando eu voltar. Mas para ele o dia da minha liberdade será marcado pêlos gritos dos linchadores.

8

ESCRITÓRIO PARTICULAR DE C. SHLINK

Dia 20 de outubro de 1915, à 1 hora da tarde.

Shlink. Um jovem secretário.

SHLINK *ditando* — Responda à senhorita Marie Garga, que está solicitando um posto de secretária, que não quero nunca mais ter nenhuma ligação com ela nem com nenhum outro membro de sua família. — À Imobiliária Standart. Prezados Senhores. Hoje, que nenhum ágio da nossa empresa encontra-se em poder de outras sociedades e que nossa situação financeira è tranqüila, nada mais impede que aceitemos a sua oferta de um contrato por cinco anos.

UM FUNCIONÁRIO *faz entrar um homem* — Este é o sr. Shlink.

O HOMEM — Tenho três minutos para lhe dar um aviso. O senhor tem dois minutos para compreender a situação. Meia hora atrás, uma carta chegou à redação de nosso jornal, vinda de uma das prisões estaduais. Está assinada por um certo Garga e acusa o senhor de ser autor de vários crimes. Os repórteres vão estar aqui dentro de cinco minutos. O senhor me deve mil dólares. *Shlink dá o dinheiro, o homem sai.*

SHLINK *enquanto arruma cuidadosamente uma mala* — Faça o negócio continuar pelo tempo que for possível. Envie estas cartas. Eu voltarei. *Sai rapidamente.*

9

BAR EM FRENTE À PRISÃO

Dia 28 de outubro de 1915.

O Verme. O Gorilão. O Narigudo. O jovem do Exército da Salvação. Jane. Marie Garga. Barulho do lado de fora.

GORILÃO — Vocês estão ouvindo os gritos dos linchadores? São dias perigosos para o bairro chinês. Há oito dias descobriram os crimes de um malaio, um mercador de madeiras. Três anos atrás ele pegou um homem e mandou ele para a prisão. Durante três anos o homem guardou o segredo, mas oito dias antes de ser libertado ele mandou uma carta ao *Examiner* contando tudo.

NARIGUDO — O que é o coração humano!

GORILÃO — O malaio fugiu, é claro. Mas ele está liquidado.

VERME — Não se pode dizer isso de ninguém. Observe um pouco como estão as coisas em nosso planeta. Não se liquida um homem de uma vez, não; precisa pelo menos cem vezes. Todo homem tem muitas possibilidades. Ouçam, por exemplo, a estória de G. Wishu, o Buldogue macho: preciso de uma pianola para contar essa estória. Pianola. Esta é a história da vida do cachorro George Wishu: Geor-ge Wishu nasceu na ilha verde da Irlanda. Depois de um ano e meio ele veio para a grande cidade de Londres, em companhia de um homem gordo. Sua própria pátria deixou ele ir como um homem estranho. Em Londres ele logo caiu nas mãos de uma mulher muito má, que fez ele passar por torturas horríveis. Depois de ter agüentado muito sofrimento, ele fugiu para um lugar onde foi caçado no meio de cercas de espinhos. Deram tiros nele com fuzis grandes e perigosos, outros cachorros foram jogados em cima dele. Foi assim que ele perdeu uma perna e desde aquele dia ele ficou

manco. Depois de ter fracassado em muitos negócios, cansado de viver e quase morto de fome, encontrou um velho que deu abrigo para ele, dividindo o seu pão com ele. Foi lá que ele morreu, na idade de sete anos e meio, depois de uma vida cheia de desilusões e aventuras. Recebeu a morte com grande serenidade e resignação de alma. Seu túmulo está no País de Gales. — Bem que eu gostaria de saber como é que vocês fazem para encontrar um sentido em tudo isso!

NARIGUDO — Quem é aquele ali no cartaz de "Procura-se"?

VERME — É o malaio que eles estão procurando. Ele já estava falido uma vez. Mas em três anos ele conseguiu retomar todo o negócio de madeiras em suas mãos. É por isso que ele é muito odiado no bairro. Ele seria juridicamente inatacável se o homem da cadeia não tivesse trazido os seus crimes sexuais à luz do dia. A Jane: Quando é que seu marido vai sair da prisão?

JANE — Pois é. Ainda há pouco eu sabia. Não pensem que eu não sei a data. É no dia 28. Mas quando é 28 eu não sei.

GORILÃO — Deixe de conversa fiada, Jane.

NARIGUDO — Quem é essa aí, com esse vestido indecente?

GORILÃO — É a vítima, a irmã do homem que está na prisão.

JANE — É, é a minha cunhada. Finge que não me conhece, mas desde que eu me casei não dormiu nenhuma noite em casa.

GORILÃO — O malaio destruiu ela.

NARIGUDO — Que é que ela está colocando na bacia de copos?

GORILÃO — Não vejo. Me parece que está dizendo alguma coisa. Silêncio, Jane.

MARIE *deixa uma nota de dinheiro cair na bacia* — Naquela época, quando eu tinha as notas na mão, sentia os olhos de Deus em cima de mim. Falei: fiz tudo que podia por ele. Deus foi embora, e foi como um sussurro nos campos de tabaco. Mesmo assim, eu as guardei. Uma nota! Outra! Como eu estou decaindo! Como estou jogando a minha pureza fora! Agora, lá se foi o dinheiro! Mas não me sinto aliviada...

GARGA *entrando com Maynes e três outros homens* — Eu pedi aos senhores que viessem para que pudessem comprovar com seus próprios olhos a injustiça que foi cometida comigo. Eu o trouxe aqui, sr. Maynes, para ter uma testemunha de como, depois de três anos de ausência, encontro minha mulher num local como este. *Leva os homens até a mesa onde está Jane.* Bom dia, Jane, como vai?

JANE — George! É hoje então o dia 28? Eu não sabia! Eu teria ficado em casa! Você viu como está frio lá? Você pensou que eu dei uma chegada aqui para me esquentar um pouco?

GARGA — Este aqui é o sr. Maynes, você já conhece ele. Eu vou trabalhar para ele de novo. E estes senhores são nossos vizinhos que estão interessados em minha situação.

JANE — Como estão, meus senhores? Ah, George! Que horror! Errar o dia! O que é que vão pensar de mim os cavalheiros? Ken-sy! Atende esses senhores.

O DONO DO BAR *ao Narigudo* — É o que saiu da prisão, aquele que fez a denúncia.

GARGA — Bom dia, Ma. Me esperava? Como vêem, minha irmã também está aqui.

MARIE — Bom dia, George. Você está bem?

GARGA — Vamos para casa, Jane.

JANE — Oh, George, não me peça isso! Se eu for para casa com você, você vai me dar uma bronca. É melhor ficar sabendo desde já: a casa não está arrumada.

GARGA — Eu sei disso.

JANE — Isso é feio de sua parte!

GARGA — Eu não vou brigar com você. Vamos recomeçar do zero. Minha luta está no fim. Isso você pode ver, simplesmente expulsei o meu adversário da cidade.

JANE — Não, George. Apesar de tudo as coisas estão de mal a pior. Dizem que de agora em diante tudo vai melhorar. Não é verdade. Tudo está piorando e vai piorar sempre mais. Espero que os cavalheiros se sintam bem aqui. Senão podemos ir a outro lugar qualquer...

GARGA — Ora, você não está contente de eu ter vindo te buscar?

JANE — Você sabe, George. E se não sabe, não posso dizer.

GARGA — O que é que você quer dizer com isso?

JANE — Vê, George, um ser humano é diferente do que você pensa, mesmo quando ele já está quase liquidado. Por que você trouxe estes senhores para cá? Eu sempre soube que isso ia acabar desse jeito. Quando me ensinaram na aula da Primeira Comunhão o que é que ia acontecer com os fracos, eu logo pensei: é isso que vai acontecer comigo. Você não precisava provar isso pra ninguém.

GARGA — Então você não quer voltar para casa comigo?

JANE — Não pede, George.

GARGA — Mas eu estou pedindo, meu amor.

JANE — Nesse caso, eu vou explicar diferente. Olha, eu vivia com esse homem. *Ela indica Gorilão.* Confesso, meus senhores. Pra que negar? Não vai melhorar nada...

GORILÃO — Ela está com o diabo no corpo.

MAYNES — Que coisa horrível!

GARGA — Presta atenção, Jane. Agora te dou a última oportunidade nesta cidade. Estou pronto a esquecer tudo. Estes senhores são testemunhas. Vem para casa comigo.

JANE — Você é muito gentil, George. É claro que é a minha última oportunidade. Mas eu não aceito. As coisas não andam bem entre nós dois, você sabe disso. Agora eu vou embora mesmo. *Ao Gorilão*: Vamos!

GORILÃO — Bom proveito! *Saem.*

UM DOS HOMENS — Esse homem não tem do que se rir!

GARGA — Vou deixar a porta aberta, Jane. De noite, você pode tocar a campainha que eu abro.

VERME *dirigindo-se à mesa* — Pode ser que os senhores tenham notado: tem uma família entre nós que está sobrevivendo, assim, só de restos, de migalhas. Esta família, que está assim corroída pelas traças, ia sacrificar com grande prazer seu último tostão. Isso se algum dos senhores pudesse informar onde é que está a mãe, que foi o suporte principal da casa. Eu vi uma dessas manhãs aí pelas sete horas uma mulher de seus quarenta e poucos anos, fazendo limpeza num porão de uma casa de frutas. Ela tinha aberto um negócio novo. O rosto estava velho, mas em paz.

GARGA — Mas o senhor, o senhor não era empregado da casa de madeiras daquele homem que estão procurando por toda Chicago?

VERME — Eu? Eu nunca vi esse homem. *Sai.*

Ao passar pela pianola, o Verme joga uma moeda dentro. Ouvimos tocar a "Ave Maria" de Gounod.

O JOVEM DO EXÉRCITO DA SALVAÇÃO *sentado numa mesa no canto, lê o cardápio de bebidas com voz. forte, saboreando cada palavra.* — Cherry-flip, Cherry Brandy, Gin Fizz, Whisky-Sour, Golden Slipper, Manhattan Cocktail, Curaçao extra-seco, Maraschino, Cuisinier, Orange e a especialidade da casa: batida de ovo. Só que nesta tem que misturar: ovo, ovo cru, açúcar, conhaque, Jamaica rum e leite.

NARIGUDO — O senhor entende de bebidas?

JOVEM — Não. *Todos caem na gargalhada.*

GARGA *a seus acompanhantes* — Os senhores compreenderão que essa exibição de minha família em decadência, ainda que necessária, é humilhante para mim. Mas devem também ter compreendido que este tumor amarelo não deve nunca mais pôr os pés nesta cidade. Minha irmã Marie trabalhou algum tempo como criada na casa desse homem, Shlink. Eu preciso agora ter a maior cautela quando falar com ela. A minha irmã continua conservando vestígios de sensibilidade, mesmo na mais profunda miséria. *Senta-se ao lado dela.* Marie! Posso ver seu rosto?

MARIE — Não há mais rosto. Essa não sou eu.

GARGA — E. Mas eu me lembro que você disse uma vez na igreja, você devia ter 9 anos naquele tempo. "A partir de amanhã, Ele estará em mim." E nós pensamos que se tratava de Deus.

MARIE — Eu disse isso?

GARGA — Eu continuo a gostar de você, não importa o quanto você esteja desleixada e depravada. Mas ainda que eu saiba que você sabe que pode fazer tudo de si mesma, se eu lhe disser eu te amo, mesmo assim eu digo.

MARIE — E você tem coragem de dizer isso olhando pra mim. Neste rosto?

GARGA — Neste rosto. O homem permanece o que ele é, mesmo que seu rosto esteja despedaçado.

MARIE *levanta* — Mas eu não quero isso. Não quero que você me ame desse jeito. Eu me amo, a mim, como fui antes. Não venha dizer que eu nunca fui diferente.

GARGA *falando alto* — Você está ganhando algum dinheiro? Você só vive do que os homens te pagam?

MARIE — Você trouxe esses homens pra cá pra eles ficarem sabendo de tudo! Bem. Um whisky, com bastante gelo. Tá bom. Eu declaro publicamente. Eu me entreguei, sim. Mas depois pedi dinheiro em troca, logo depois, para que todos soubessem quem eu sou, para que eu possa ganhar a vida assim. Agora é negócio limpo. Tenho um corpo bem feito. Não permito que fumem na minha presença, mas não sou mais nenhuma virgem. Eu sei fazer o amor. Eu tenho dinheiro. Mas vou ganhar muito mais. Porque eu quero gastar. E gastar para mim é uma necessidade. O que eu ganho, não quero guardar. O dinheiro está aqui! Vou jogar dentro daquela bacia. Eu sou assim.

MAYNES — Que coisa horrível!

OUTRO HOMEM — A gente nem tem coragem de rir.

JOVEM — O homem é resistente demais. Esse é o seu defeito principal. Ele se presta a muitas coisas, mas é muito difícil de destruir. Sai.

MAYNES *levantando-se com os três homens* — Garga, comprovamos a injustiça que foi cometida contra você.

NARIGUDO *aproxima-se de Marie* — Putas! Relincha — O vício é o perfume das damas.

MARIE — Putas, nós! Pó na cara, que ninguém veja os olhos, que antes eram azuis. Os homens que fazem negócios com criminosos conosco fazem amor. Vendemos o nosso sono, vivemos de maus tratos.

Ouve-se um tiro.

DONO DO BAR — O homem deu um tiro na garganta.

Entram os homens carregando o Jovem e o estendem sobre a mesa, entre os copos.

1º HOMEM — Não toquem nele! Tirem as mãos.

2º HOMEM — Ele está dizendo alguma coisa.

1º HOMEM *inclinado sobre ele, com voz alta* — O senhor quer alguma coisa? Tem parentes? Pra onde o senhor quer ser levado?

JOVEM *murmurando* — "La montagne est passée, nous irons mieux."

GARGA *inclinado sobre ele, rindo* — Ele errou sob vários aspectos: 1º, ele pensou que fossem as suas últimas palavras, mas foram as últimas palavras de outro; 2º, nem foram as suas últimas palavras porque ele errou o tiro e só ficou uma feridinha no pescoço.

1º HOMEM — É isso mesmo. Que azar para ele! Foi dar o tiro no escuro. Devia ter atirado no claro!

MARIE — A cabeça dele está caindo pra trás. Ponham alguma coisa embaixo. Como está magro! Agora estou vendo quem é. É aquele a quem outro dia cuspiram na cara.

Saem todos levando o ferido, com exceção de Marie e Garga.

GARGA — A pele dele é grossa demais. Entorta tudo o que a gente enfia nela. Não existem tantas lanças no mundo.

MARIE — Você continua pensando nele?

GARGA — Continuo. A você eu posso dizer.

MARIE — Como o ódio e o amor amesquinham a gente.

GARGA — É assim mesmo. Você ainda gosta dele?

MARIE — Gosto... Gosto.

GARGA — E não há perspectivas de ventos mais favoráveis?

MARIE — Sim, de vez em quando.

GARGA — Eu queria te ajudar. *Pausa*. Essa luta tomou um tal vulto que hoje eu precisaria de Chicago inteira para poder continuar. Naturalmente, é bem possível que ele mesmo já não tenha vontade de continuar. Ele mesmo deu a entender que, na idade que tem, três anos podem valer trinta. Nestas circunstâncias, mesmo sem estar presente, eu acabei com ele de um jeito muito grosseiro. Além disso, tirei toda a possibilidade dele me encontrar. Este último golpe não será mais discutido entre nós: não estou mais disponível para ele. Hoje em cada esquina da cidade, os motoristas estão vigiando para que ele não possa mais subir ao ringue, numa hora em que ele foi derrotado por nocaute sem ter havido combate. Chicago joga a toalha por ele. Não sei onde ele está, mas ele sabe disso.

DONO DO BAR — Os depósitos de madeira da Rua Mulberry estão pegando fogo.

MARIE — É bom você ter se livrado dele. Mas agora eu vou embora.

GARGA — Eu fico aqui. No centro do linchamento. De noite volto pra casa. Vamos viver juntos. Marte sai. Mais uma vez vou tomar meu café preto de manhã cedo, vou lavar a cara com água fria, vestir roupa limpa, a camisa em primeiro lugar. Vou tirar muita coisa da cabeça quando pentear o cabelo de manhã, muita coisa vai acontecer com o barulho novo da cidade. Agora já me livrei daquela paixão que estava acabando comigo, mas ainda tenho muito que fazer. *Abre completamente a porta e escuta rindo os gritos cada vez mais fortes dos linchadores.*

SHLINK *entra usando um terno americano* — Você está só? Foi difícil chegar até aqui. Eu sabia que você ia ser libertado hoje, já procurei você na sua casa. Eles estão me perseguindo. Depressa, Garga. Vem!

GARGA — Você está louco. Eu denunciei você pra ficar livre de você.

SHLINK — Eu não sou um homem corajoso. Morri três vezes no meu caminho até aqui.

GARGA — Eu ouvi dizer que uma porção de homens amarelos estão enforcados e dependurados na ponte de Milwaukee, como roupa colorida.

SHLINK — Mais uma razão para pressa. Você sabe que precisa vir comigo. Ainda não terminamos.

GARGA *fala bem devagar. Percebe que Shlink está com muita pressa.* — Infelizmente o senhor está me fazendo esta proposta numa hora desfavorável. Estou aqui acompanhado: minha irmã Marie Garga, violada em setembro, três anos atrás, quando menos se esperava, minha esposa Jane Garga, corrompida na mesma época, finalmente um homem do Exército da Salvação, de nome desconhecido, escarrado na cara e liquidado, ainda que não tenha nada a ver com esta estória. Mas acima de tudo, minha mãe: Maë Garga, nascida em 1872, nos Estados do Sul, desaparecida em outubro há três anos atrás. Desapareceu até da nossa memória, já não tem mais rosto. Caiu dela como uma folha amarela no outono. *Escuta. Gritos.*

SHLINK *também escutando atentamente* — É, mas ainda não são os gritos certos. Os gritos brancos. Eles vêm aí. Nós ainda temos um minuto. Escuta! Agora! Agora sim! Esses são os gritos certos. Os gritos brancos. Vamos! *Shlink e Garga saem depressa.*

10

ACAMPAMENTO ABANDONADO DE OPERÁRIOS DE ESTRADA DE FERRO NAS PEDREIRAS JUNTO AO LAGO MICHIGAN

Dia 19 de novembro de 1915. Cerca de 2 horas da madrugada.

Shlink e Garga.

SHLINK — O interminável barulho de Chicago parou. Sete vezes em três dias os céus empalideceram e o ar ficou cinza-azul como grogue. Agora o silêncio, que não esconde mais nada.

GARGA *fumando* — Você luta com facilidade. Como agüenta! Eu ainda tinha a infância diante de mim. Os campos de oliveiras, com a colza azul, os turões nos barrancos e as águas correndo.

SHLINK — Exato. Tudo isso estava escrito no seu rosto. Agora, fica duro como um âmbar transparente, onde se encontra às vezes cadáveres de animais.

GARGA — O senhor sempre foi solitário?

SHLINK — Quarenta anos.

GARGA — E agora, perto do fim, o senhor cai vítima da peste negra deste planeta: a procura da comunicação.

SHLINK — Pela luta. *Sorridente.*

GARGA — Pela luta.

SHLINK — Você entendeu então que nós somos companheiros numa luta metafísica. Nossa amizade foi curta. Mas durante um certo tempo essa ligação foi predominante. Esse tempo passou. As etapas de vida não são as da lembrança. O fim não é a meta... O último episódio não é mais importante do que qualquer outro. Por duas vezes eu fui proprietário de um negócio de madeiras. Há duas semanas atrás esse negócio foi registrado em seu nome.

GARGA — Pressentimento de morte, é?

SHLINK — Está aqui o livro de contabilidade do seu negócio de madeiras. Começa onde uma vez despejaram tinta sobre as páginas.

GARGA — O senhor carrega isso debaixo de sua carcaça? Abre o senhor mesmo. Esse livro deve estar imundo. *Lendo*. A escrita está limpa, só subtrações. Dia 17, negócio de madeira, vinte e cinco mil dólares para Garga. Um pouco antes, dez dólares para roupa. Depois, vinte e dois dólares para Marie Garga, nossa "irmã". Bem no final, todo o negócio mais uma vez destruído pelo fogo. — Não posso mais dormir. Vou ficar feliz de ver o senhor com sete palmos de terra em cima.

SHLINK — Não renegue o que aconteceu, Garga! Não olhe só a contabilidade. Lembre a questão que colocamos. Agüente firme! Eu amo você.

GARGA *fitando Shlink* — Que nojo. O senhor não é nada apetitoso, sabia? Uma carcaça velha como essa.

SHLINK — Na certa eu não vou receber a resposta. Se você um dia pensar em mim, Garga, mesmo se quando isso acontecer eu já estiver com a lama apodrecendo na minha boca, se você receber a resposta, pense em mim, Garga. O que está querendo escutar?

GARGA *lento* — O senhor mostrou vestígios de sentimento. Está ficando velho!

SHLINK — Será tão agradável assim, mostrar os dentes?

GARGA — Se forem bons.

SHLINK — O ser humano é tão infinitamente só, que nem mesmo a inimizade é possível. O entendimento não é possível nem com os animais.

GARGA — A linguagem não basta para o entendimento.

SHLINK — Eu observei os animais: o amor, o calor dos corpos que se juntam é a única graça que nos foi concedida nas trevas, a união

dos órgãos é a única que existe, mas não transpõe o abismo da fala. Mesmo assim eles se juntam para produzir novos seres que possam ajudá-los na sua solidão desesperada. E gerações e gerações se olham friamente nos olhos. Se você entupir um navio com corpos humanos vai haver dentro dele uma solidão tão grande que todos vão morrer gelados. Você está me escutando, Garga? A solidão é tão grande, que nem a luta existe. A floresta! É de lá que vem a humanidade. Peluda, com seus dentes de símios. Bons animais que sabiam viver. Tudo era tão fácil. Eles simplesmente se estraçalhavam, uns aos outros. Eu vejo claramente eles, com seus flancos tremendo, com os olhos brancos cravados nos olhos dos adversários. Fincavam os dentes na garganta do outro e rolavam pela terra. Aquele que sangrava até morrer no meio das raízes era o vencido. E aquele que esmagava os arbustos das árvores era o vencedor. Você está escutando alguma coisa, Garga?

GARGA — Shlink! Já faz três semanas que eu te escuto. Em todo esse tempo eu esperei que a raiva tomasse conta de mim a cada provocação sua, por mais insignificante que fosse. Mas agora, olhando para você, eu percebo que o seu palavrório me irrita e que a sua voz me dá náuseas. Hoje é uma tarde de quinta-feira, não é? Qual é a distância até Nova York? O que é que estou fazendo aqui, sentado, perdendo meu tempo? Já não faz três semanas que estamos estirados aqui? Nós pensamos que por causa disso o planeta ia mudar de rumo. Mas o que foi que aconteceu? Choveu três vezes e uma noite ventou. *Levanta-se*. Eu acho que chegou a hora de você tirar os sapatos, Shlink. Tira os sapatos, Shlink. *Grita*. Tira o sapato e dá pra mim. Por que, de dinheiro, você deve estar liso. Shlink, nesse momento eu dou fim a nossa luta que está agora no seu terceiro ano de existência. Aqui, no bosque do lago Michigan, porque a sua matéria-prima está gasta: ela acaba neste instante. Eu não vou terminar com uma facada e nem vejo motivos para ficar fazendo grandes frases. Meu sapato está furado, Shlink, e o teu palavrório não vai esquentar meu pé. Tudo está muito claro, Shlink: é o mais moço que ganha.

SHLINK — Hoje, às vezes podia se ouvir os ruídos das enxadas dos operários na Estrada de Ferro. Você estava escutando, eu reparei nisso. Vai se levantar, Garga? Está querendo ir? Vai me trair?

GARGA *deita-se preguiçosamente* — É. É isso mesmo que eu vou fazer, Shlink.

SHLINK — E não vai haver um desfecho nessa luta, Garga? Nós não vamos nos compreender nunca?

GARGA — Não.

SHLINK — E você vai escapar assim? Com a sua vida nua no bolso?

GARGA — Uma vida nua é melhor do que qualquer outra vida.

SHLINK — Tahiti?

GARGA *rindo ironicamente* — "Eu vou até lá, vou voltar com membros de ferro, a pele escura, a fúria nos olhos. Olhando o meu rosto os homens vão pensar que sou de uma raça forte. Eu vou trazer ouro, vou ser preguiçoso e violento. As mulheres gostam de cuidar dos doentes selvagens que voltam dos países quentes... eu vou nadar, caçar, pisar a grama e acima de tudo fumar. Engolir bebidas quentes como metal fervente. Vou me envolver na vida. Salvo!" — Que bobagem... palavras, blá! Num planeta que não é nem o centro do universo! Quando você já estiver coberto de cal há muito tempo — pois os velhos têm que ceder lugar aos mais moços, Shlink, é a seleção natural — eu vou escolher aquilo que me agradar.

SHLINK — Que atitude é essa? Por favor, tire o cachimbo da boca. Se você está querendo me confessar que ficou impotente, pelo menos diga isso noutro tom de voz.

GARGA — Como quiser.

SHLINK — Esse seu gesto demonstra que você não é digno de ser meu adversário.

GARGA — Eu só estou me queixando de que você me enche o saco!

SHLINK — O que foi que você disse? Você está se queixando? Você? Um boxeador contratado! Um balconista bêbado que eu comprei por dez dólares! Um idealista que nem era capaz de distinguir uma perna da outra! Um zero!

GARGA *rindo* — Um homem moço, Shlink. Seja honesto.

SHLINK — Um homem branco. Alugado para me destruir, enchendo a minha boca de nojo e de mofo, para que eu sinta na língua o gosto da morte. Há duzentos metros daqui estão os linchadores no bosque. Como eu quero!

GARGA — É. Pode ser que eu seja um leproso. E daí? Você é um suicida. Que tem ainda a me oferecer? Você me contratou, mas ainda não me pagou.

SHLINK — Você recebeu o que um homem da sua classe precisa: uma mobília!

GARGA — Sim. Um piano. Foi o que consegui de você. Um piano que teve que ser vendido. Comi carne boa, uma vez. Comprei um terno e sacrifiquei o meu sono para ouvir o seu palavrório!

SHLINK — Seu sono, sua mãe, sua irmã, sua mulher. Três anos de sua vida estúpida. Que vergonha! Agora um fim tão baixo. Você nem entendeu do que se tratava. Só queria a minha destruição, mas eu queria a luta! Não a luta da carne, mas a luta do espírito!

GARGA — Mas o espírito, você vê, não é nada. O importante não é ser o vencedor, Shlink, mas o sobrevivente. Não posso vencer você, Shlink, eu só posso te pisar até te enterrar no chão. E agora, eu vou carregar a minha carne crua pela chuva gelada. Chicago é fria, eu vou até lá. Pode ser que eu esteja no caminho errado, Shlink, mas eu ainda tenho muito tempo.

Shlink cai no chão, Garga sai.

SHLINK *levantando-se* — Agora que trocamos os últimos golpes e também as últimas palavras, as que nos ocorreram, quero agradecer o interesse dedicado à minha pessoa. Cada um de nós perdeu muita coisa, mas nos ficaram os corpos nus. Dentro de quatro minutos a lua vai surgir no céu e o seu bando de linchadores vai estar aqui. *Percebe que Garga saiu e vai atrás dele.* Não se vá, George Garga! Não abandone a luta por ser jovem! As florestas estão cortadas, os abutres estão saciados e a resposta de ouro será enterrada no chão. *Volta-se. Surge na selva uma claridade leitosa.* 19 de novembro! Cinco quilômetros ao sul de Chicago! Vento Oeste! Quatro minutos antes do nascer da lua: afogado quando pescava.

MARIE *entrando* — Por favor, não me mande embora. Sou uma desgraçada. *A claridade aumenta.*

SHLINK — As coisas se precipitam. Os peixes entram pela boca, nadando... Que luz absurda é essa? Estou muito ocupado.

MARIE *tirando o chapéu* —Já não sou mais bonita. Por favor, não olhe para mim. Os ratos me roeram toda. Eu lhe trouxe o que sobrou de mim.

SHLINK — Que luz leitosa é essa? Ah, sim. Última moda, não é?

MARIE — O senhor acha que o meu rosto está inchado?

SHLINK — Sabe que o populacho vai linchar a senhora se lhe encontrar aqui.

MARIE — Como se isso importasse.

SHLINK — Por favor, me deixe passar sozinho o meu último minuto.

MARIE — Venha. Esconda-se no mato. Tem um esconderijo na pedreira.

SHLINK — Com o diabo! Está louca? Não vê que eu ainda devo olhar essa selva? Por isso é que a lua está nascendo. *Vai até a entrada.*

MARIE — Eu vejo que o senhor perdeu o pé. Tenha pena de si mesmo!

SHLINK — A senhora não pode me fazer esse último favor como prova de amor?

MARIE — Eu só quero olhar para você. Compreendi que o meu lugar é aqui.

SHLINK — Pode ser. Fique então. *Ao longe ouve-se sirenes*. Duas horas. Preciso me pôr em segurança.

MARIE — Onde está George?

SHLINK — George? Fugiu. Que erro de cálculo. Me pôr em segurança. *Arranca o pano do pescoço* Os barris já estão fedendo. Peixes bons, gordos, pessoalmente pescados, bem torrados, encaixotados! Salgados, primeiro colocados em lagos, comprados, fartamente alimentados! Peixes ansiosos de morte. Peixes suicidas, peixes engolindo os anzóis como hóstias. Diabos! Agora depressa! *Vai para a mesa, senta-se e bebe da pequena garrafa.* Eu, Wan Yan, chamado Shlink, gerado em Yokoama, ao norte de Pey Ho, sob a constelação da tartaruga. Eu fui mercador de madeiras, minha refeição era o arroz. Negociei com toda espécie de gente. Eu, Wan Yan, chamado Shlink, 54 anos de idade, termino aqui, a três milhas do sul de Chicago, sem herdeiros.

MARIE — O que é que você tem?

SHLINK *sentado* — A senhorita está aí? Por favor, tenha piedade de mim. Eu estou com os pés gelados. Por favor, jogue a toalha no meu rosto. Cai. Gemidos na selva. Passos, maldições em voz rouca.

MARIE — O que está escutando? Responda, por favor! O senhor está dormindo? Está com frio? Estou bem perto do senhor. Por que queria uma toalha?

Neste momento, facas abrem buracos nas paredes da tenda e entram silenciosamente os linchadores. Marie indo ao encontro deles.

MARIE — Saiam daqui! Ele está morto. Não quero que olhem pra ele.

11

ESCRITÓRIO PARTICULAR DO FINADO C. SHLINK

Oito dias mais tarde.

A empresa madeireira está reduzida aos escombros de um incêndio.

Vêem-se cartazes dizendo: "Vende-se".

Garga. John Garga. Mane Garga.

JOHN — Foi bobagem sua deixar esse negócio ser destruído pelo fogo. Agora você fica aí sentado no meio das toras carbonizadas. Quem vai comprar isso?

GARGA *rindo* — São baratas. Mas vocês, o que vão fazer?

JOHN — Eu pensei que a gente ia ficar junto, George.

GARGA rindo — Eu vou embora. Você vai trabalhar?

MARIE — Vou, sim. Mas não vou lavar escada, como minha mãe.

JOHN — Sou um soldado. Já dormi em poço. Os ratos que passavam em cima da cara da gente nunca pesavam menos de três quilos. Quando me tiraram o fuzil e tudo acabou, eu falei: de agora em diante, cada um de nós vai dormir de gorro na cabeça.

GARGA — Em resumo: todo mundo dormindo.

MARIE — Agora vamos, pai. Já é noite e ainda não arranjei um quarto.

JOHN — É, então vamos. *Olha ao redor.* Vamos! Você tem um soldado ao teu lado! Em frente contra a selva da cidade!

GARGA — Eu já atravessei ela. Oi!

MANKY *entra radiante com as mãos enfiadas nos bolsos* — Sou eu. Li o seu anúncio no jornal. Se o seu negócio de madeira não for muito caro, eu compro.

GARGA — Quanto você oferece?

MANKY — Por que está querendo vender?

GARGA — Vou para Nova York.

MANKY — E eu me mudo para cá.

GARGA — Quanto você pode pagar?

MANKY — Ainda devo guardar um pouco de dinheiro pra tocar o negócio.

GARGA — Seis mil, se você levar também a mulher.

MANKY — Fechado.

MARIE — Meu pai está comigo.

MANKY — E sua mãe?

MARIE — Não está mais aqui.

MANKY *após uma pausa* — Está bom.

MARIE — Preparem o contrato.

Os homens assinam.

MANKY — Vamos tomar alguma coisa. Quer vir conosco, George?

GARGA — Não.

MANKY — Você ainda vai estar aqui quando a gente voltar?

GARGA — Não.

JOHN — Adeus, George. Aproveita bem Nova York! Você pode voltar para Chicago se as coisas não forem bem por lá.

Saem os três.

GARGA *guardando o dinheiro* — É uma coisa boa ficar só. O caos está consumido. Foi o melhor tempo.